



UNIVERSIDADE ESTADUAL DO NORTE DO PARANÁ
Campus Cornélio Procópio
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENSINO
MESTRADO PROFISSIONAL EM ENSINO

MARÍLIA GABRIELA DE SOUZA FABRI

**A LITERATURA DE CORDEL NO ENSINO DE EDUCAÇÃO
AMBIENTAL**

CORNÉLIO PROCÓPIO – PR
2020

MARÍLIA GABRIELA DE SOUZA FABRI

**A LITERATURA DE CORDEL NO ENSINO DE EDUCAÇÃO
AMBIENTAL**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ensino da Universidade Estadual do Norte do Paraná – *Campus* Cornélio Procópio, como requisito à obtenção do título de Mestre em Ensino.

Orientador: Prof. Dr. Rodrigo de Souza Poletto

CORNÉLIO PROCÓPIO – PR
2020

Ficha catalográfica elaborada pelo autor, através do
Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UENP

FF1211 FABRI, MARÍLIA GABRIELA DE SOUZA
A LITERATURA DE CORDEL NO ENSINO DE EDUCAÇÃO
AMBIENTAL / MARÍLIA GABRIELA DE SOUZA FABRI;
orientador Rodrigo de Souza Poletto - Cornélio
Procópio, 2020.
93 p.

Dissertação (Mestrado em Ensino) - Universidade
Estadual do Norte do Paraná, Centro de Ciências
Humanas e da Educação, Programa de Pós-Graduação
em Ensino, 2020.

1. Educação Ambiental. 2. Literatura de Cordel. 3.
Sequência Didática. I. Poletto, Rodrigo de Souza ,
orient. II. Título.

MARÍLIA GABRIELA DE SOUZA FABRI

**A LITERATURA DE CORDEL NO ENSINO DE EDUCAÇÃO
AMBIENTAL**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ensino da Universidade Estadual do Norte do Paraná – *Campus* Cornélio Procópio, como requisito à obtenção do título de Mestre em Ensino.

Após realização de Defesa Pública o trabalho foi considerado:

BANCA EXAMINADORA

Orientador: Prof. Dr. Rodrigo de Souza Poletto
Universidade Estadual do Norte do Paraná - UENP

Prof. Dra. Roberta Negrão de Araujo
Universidade Estadual do Norte do Paraná - UENP

Prof. Dr. Thiago Alves Valente
Universidade Estadual do Norte do Paraná - UENP

Cornélio Procópio, 14 de fevereiro de 2020.

*Dedico esta pesquisa ao meu exemplo
de coragem, de amor ao próximo, meu
amigo e companheiro de vida,
carinhosamente chamado, Guto.*

AGRADECIMENTO(S)

Agradeço a Deus por me proteger sempre e me amparar com Sua infinita misericórdia, por iluminar os meus caminhos e me ensinar que Ele resolve tudo no tempo certo.

Ao meu orientador Prof. Dr. Rodrigo de Souza Poletto, pelo "sim" que me disse no início desta caminhada, por me abrir as portas da pesquisa. Que sua generosidade seja abençoada por Deus, obrigada por fazer parte da minha história.

Aos professores, Roberta Negrão Araújo e Thiago Alves Valente, pela disponibilidade em participar da banca de avaliadores deste trabalho, pelas contribuições ao trabalho e à minha formação.

Ao anjo que Deus colocou em minha vida há 26 anos, meu esposo Guto, amor da minha vida, que muitas vezes acredita em mim mais que eu mesma, me incentiva e percorre ao meu lado este caminho, por vezes difícil e ao mesmo tempo encantador, que é a vida.

À minha doce Helô, minha filha e companheira diária, aquela que conhece até o meu olhar, que inúmeras vezes chega perto de mim, com voz doce, e diz: "Mãe, tudo vai dar certo".

À minha pequena fortaleza, Maria Fernanda, que várias vezes, durante a escrita deste trabalho, aparecia perto do computador e dizia: "Me dá um abraço". Eu deixava tudo de lado para abraçá-la, assim, meu coração era reabastecido de energia positiva e de desejo de sonhar por elas.

À mulher por quem sou apaixonada nesta vida e que carrega dois substantivos incríveis, minha mãe e minha avó ao mesmo tempo, aquela escolheu me criar, responsável pelo que me tornei e que me incentiva até hoje, como se eu ainda fosse uma criança precisando da sua torcida.

Ao presente que Deus me enviou, durante a caminhada do mestrado, Viviane Recco Garbim, que me ajudou muito nos momentos em que eu precisava dedicar mais tempo à escrita, cuidando da Maria Fernanda, como se fosse parte de sua família.

Ao querido José Carlos, o JC, dono do abraço que me renova, pessoa que me inspira a fazer o melhor, a buscar aquilo que realmente tenha valor no coração. E para o meu coração, o seu valor é de pai.

Às "figuras" queridas que este mestrado me trouxe, Patrícia Concato, Sandra Leite e Ynaiara Stopa, obrigada aos momentos incríveis que vocês me proporcionaram, ao cuidado comigo nos momentos em que precisei de incentivo, aos áudios intermináveis e que rendiam ótimas risadas. Vocês são demais.

Aos professores do Programa de Mestrado em Ensino que compartilharam seus conhecimentos com nossa turma, desempenharam cuidadosamente a missão de indicar o caminho para nossa formação profissional.

A todos companheiros de turma, deixo meu agradecimento por dividirem comigo esse momento de formação profissional e pessoal, que a luz de Deus ilumine sempre suas escolhas e seus caminhos.

Então escrever é o modo de quem tem a palavra como isca: a palavra pescando o que não é palavra. Quando essa não-palavra - a entrelinha - morde a isca, alguma coisa se escreveu. Uma vez que se pescou a entrelinha, poder-se-ia com alívio jogar a palavra fora. Mas aí cessa a analogia: a não-palavra, ao morder a isca, incorporou-a. O que salva então é escrever distraidamente.

Clarice Lispector

FABRI, Marília Gabriela de Souza. **A Literatura de Cordel no Ensino de Educação Ambiental**. 2020. Número total de folhas: 96. Dissertação (Mestrado Profissional em Ensino) – Universidade Estadual do Norte do Paraná, Cornélio Procópio, 2020.

RESUMO

A Educação Ambiental é um processo dinâmico, participativo cujo objetivo é provocar questionamentos que permitam ao indivíduo repensar seu papel e sua relação com o meio ambiente. Compreender a importância e os pressupostos da Educação Ambiental pode permitir que a sociedade repense, reconstrua e atribua novos significados ao seu relacionamento com o meio ambiente. Nesse mesmo contexto, encontram-se também várias formas de manifestações artísticas que permeiam a vida em sociedade, como por exemplo, a Literatura de Cordel. Essa forma de expressão popular oportuniza aos leitores a visão do mundo plural, possibilita olhar para a sociedade por meio da voz dos poetas. A reflexão é um componente fundamental dos cursos de licenciaturas, uma vez que estudantes e docentes esperam, constantemente, desenvolver mecanismos e estudos que propiciem momentos de análise acerca da prática educativa. Oferecer mecanismos que colaborem com a prática docente e, conseqüentemente, oportunizem variadas situações de ensino e aprendizagem na licenciatura está entre os propósitos do professor pesquisador. Desse modo, nesta pesquisa foi concebida com o objetivo de desenvolver e aplicar uma sequência didática integrando Educação Ambiental e Literatura de Cordel, no curso de Licenciatura em Ciências Biológicas da Universidade Estadual do Norte do Paraná (UENP) Câmpus Cornélio Procópio, cuja grade curricular contempla a disciplina de Educação Ambiental. Para atingir o objetivo de pesquisa, os procedimentos metodológicos foram: revisão sistemática da literatura, fundamentação teórica, desenvolvimento e aplicação do produto educacional e análise dos dados. Na revisão sistemática da literatura, foram mapeados, na área do Ensino, 17.611 artigos os quais revelaram um conjunto de 7 trabalhos com o tema literatura de cordel, entretanto, nenhum deles contemplava Literatura de Cordel e Educação Ambiental em uma mesma pesquisa. Após a revisão sistemática, elaboramos a fundamentação teórica a respeito de Educação Ambiental e Literatura de Cordel. Desenvolvemos uma sequência didática unindo a Educação Ambiental e a Literatura de Cordel e aplicamos na curso de licenciatura citado anteriormente. Após o desenvolvimento e aplicação da sequência, os participantes de pesquisa responderam a um questionário, com o objetivo de identificar a percepção dos mesmos em relação à participação desta pesquisa. O método seguido para análise dos dados, gerados a após a aplicação do questionário, foi a Análise Textual Discursiva. A análise dos dados mostrou indícios de que os estudantes receberam positivamente a sequência, alguns estudantes da turma não conheciam a Literatura de Cordel, não imaginavam a relação entre dois campos do conhecimentos diferentes, Literatura de Cordel e Educação Ambiental. A sequência proposta pode ser adaptada para outras disciplinas, outros assuntos pertinentes à Educação Ambiental.

Palavras-chave: Educação Ambiental. Literatura de Cordel. Sequência Didática.

FABRI, Marília Gabriela de Souza. **Cordel Literature in the Teaching of Environmental Education**. 2020. 96 p. Dissertation (Mestrado Profissional em Ensino) – Universidade Estadual do Norte do Paraná, Cornélio Procópio, 2020.

ABSTRACT

Environmental Education is a dynamic process, participative that seeks to raise awareness about our relationship with the environment. Understanding the importance and assumptions of Environmental Education can allow society to rethink, reconstruct and assign new meanings to its relationship with the environment. In this same context, it is possible to find several forms of artistic manifestations that permeate life in society and Cordel Literature is one of them. This form of popular expression provides to readers the view of the plural world, making it possible to look at society through the poets voice. Reflection is also a fundamental component of undergraduate courses, since students and teachers constantly seek to develop mechanisms and studies that provide moments of reflection concerning educational practice. Offering mechanisms that collaborate with teaching practice and consequently, provide various teaching and learning situations in the undergraduate period is one of the main roles of the researcher teacher. Hence, this research aims to develop and apply a didactic sequence joining Environmental Education and Cordel Literature, in the Biological Sciences Degree course at the State University of Northern Paraná (UENP) that Cornélio Procópio campus has in its curriculum the Environmental Education discipline. Aiming to achieve the research purpose, the following methodological procedures were done: systematic literature review, theoretical foundation, development and application of the educational product and finally data analysis. In the systematic review of adapted literature, it were founding 17.611 articles that revealed a set of 7 papers on the subject of Cordel Literature, in the Education area, however, none of them included Cordel Literature and Environmental Education in the same research. After the systematic review, the theoretical foundation concerning Environmental Education and Cordel Literature was elaborated. It was developed a didactic sequence joining Environmental Education and Cordel Literature applied in the course. After the development and application of this approach, a questionnaire was presented to the students, in order to identify their perception concerning the participation in this research. The method followed for data analysis, generated after the application of the questionnaire, was the Discursive Textual Analysis. The data analysis showed signs that the students positively received the sequence, students did not know Cordel Literature, and also did not imagine the joining of two different fields of knowledge, Cordel Literature and Environmental Education which was positively received in the sequence. The proposed sequence can be adapted for other subjects, as well as other issues related with Environmental Education.

Key words: Environmental Education. Cordel Literature. Didactic Sequence.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Folhetos pendurados em varais de barbantes	26
Figura 2 - Exemplo de Xilogravura.....	36
Figura 3 - Esquema de Sequência Didática	43
Figura 4 - Processo de categorização - ATD.....	56
Figura 5 - Categoria 1 - Percepção dos envolvidos em relação à SD.....	56
Figura 6 - Categoria 2 - Percepção dos envolvidos em relação á avaliação por pares.....	57
Figura 7 - Categoria 3 - Escritas de cordéis com o tema Educação Ambiental	58

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Exemplo de rima. Trecho do Cordel: Rodolfo e Leocádia ou A Força do Sangue.	30
Quadro 2 – Exemplo de divisão das sílabas poéticas. Trecho do Cordel: Rodolfo e Leocádia ou A Força do Sangue.	31
Quadro 3 – Exemplo de Cordel com versos de 5 sílabas. Trechos do Cordel: A peleja do cego Aderaldo com Zé Pretiho.....	31
Quadro 4 – Exemplo de Cordel Sextilha - Trechos do Cordel: O crime da sombra misteriosa.	32
Quadro 5 – Exemplo de Cordel Septilha. Trechos do Cordel: O que Juscelino fez pelo Noredeste.	33
Quadro 6 – Exemplo de Cordel Décima. Trechos do Cordel: A peleja da ciência com a sabedoria popular.	33
Quadro 7 – Exemplo de Cordel Martelo Agalopado. Trechos do Cordel: Martelo agalopado.	35
Quadro 8 – Roteiro para avaliação intersubjetiva realizada pelos Docentes	49
Quadro 9- Proposta da SD.....	51
Quadro 10 - Questionário final aplicado aos participantes da pesquisa	55
Quadro 11 - Categoria 1: Percepção dos envolvidos em relação à SD	59
Quadro 12 - Categoria 2: Percepção dos envolvidos em relação às avaliações por pares e individual.....	63
Quadro 13 - Categoria 3: Escrita de cordéis com o tema Educação Ambiental.....	69

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABLC	Associação Brasileira de Literatura de Cordel
AGAPAN	Associação Gaúcha de Proteção ao Ambiente Natural
ATD	Análise Textual Discursiva
EA	Educação Ambiental
DCN	Diretrizes Curriculares Nacionais
IPHAN	Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional
LDB	Lei de Diretrizes e Bases da Educação
ONU	Organização das Nações Unidas
PPGEN	Programa de Pós-Graduação em Ensino
SD	Sequência Didática
TCLE	Termo de Consentimento livre e esclarecido
UENP	Universidade Estadual do Norte do Paraná

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	3
2	EDUCAÇÃO AMBIENTAL	8
3	LITERATURA DE CORDEL	20
3.1	CONTEXTO HISTÓRICO SOBRE CORDEL	21
3.2	O TERMO CORDEL.....	25
3.3	O CORDEL BRASILEIRO E SUAS FORMAS.....	26
3.4	AS MODALIDADES DOS CORDÉIS	29
3.4.1	Versos de cinco sílabas poéticas	31
3.4.2	Sextilha	32
3.4.3	Septilha	32
3.4.4	Décima	33
3.4.5	Martelo Agalopado	34
3.5	PELEJA EM CORDEL	35
3.6	XILOGRAVURA	36
4	FORMAÇÃO INICIAL DE PROFESSORES	38
5	SEQUÊNCIA DIDÁTICA	42
6	ENCAMINHAMENTOS METODOLÓGICOS	46
6.1	FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	48
6.2	ELABORAÇÃO DA SEQUÊNCIA DIDÁTICA	49
6.3	COLETA E ANÁLISE DOS DADOS	53
7	ANÁLISE DOS RESULTADOS	59
	CONSIDERAÇÕES FINAIS	75
	REFERÊNCIAS	79

APÊNDICES	84
APÊNDICE A – Modelo do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) do Professor	85
APÊNDICE B – Modelo de Termo de Anuência da Instituição.....	89
APÊNDICE C – Modelo Termo de Consentimento Livre e Esclarecido do Aluno	90

1 INTRODUÇÃO

A prática educativa exige de educadores e aprendizes constante reflexão. Ao educador cabe refletir constantemente a respeito de sua prática e seu papel de facilitador da aprendizagem. As teorias contemporâneas de ensino indicam a importância de que os alunos construam novos significados diante daquilo que aprendem. Muitos educadores seguem seus caminhos investigando mecanismos e recursos didáticos que os ajudem na prática pedagógica. Almeida (2008) afirma

[...] se estamos no coração do sistema educacional - seja como alunos, seja como professores - é desse lugar que devemos refletir sobre como aprender e educar para a complexidade do mundo e para a incerteza, que é a marca do nosso tempo. Nossa tarefa é, pois, intransferível. [...] Cabe-nos avaliar como as instituições educacionais têm desempenhado sua missão de educar o cidadão para a vida (ALMEIDA, 2008, p.135).

Os profissionais da educação devem refletir, fazer estudos que permitam o avanço e a melhoria do ensino, oferecer mecanismos que colaborem com a prática docente e, conseqüentemente, oportunizem variadas situações de aprendizagem. O processo de ensino e aprendizagem envolvem dois atores principais, professores e estudantes; os primeiros trazem para esse processo suas experiências de vida, sua formação, suas crenças, seu lado emocional e os segundos chegam à sala de aula também carregados histórias pessoais, facilidades ou dificuldades de aprendizado. Laburú, Arruda e Nardi (2003) afirmam que:

A constatação mais imediata que se pode fazer dentro de uma sala de aula é a de não haver uma atividade singular, um método único de ensino que seja bem sucedido com todos os aprendizes [...], de tal forma que a significância esteja assegurada [...], ou seja, não existem procedimentos metodológicos que satisfaçam a todos os alunos; a aprendizagem é um fenômeno complexo e depende, dentre outros, de fatores psicológicos e sociais que, por sua vez, estão ligados às faixas etárias dos estudantes. Assim, as escolhas metodológicas a serem feitas pelo professor dependem, também, de quem se quer atingir na sala de aula [...] a única solução para esse problema é o uso do procedimento instrucional mais variado possível (LABURÚ; ARRUDA; NARDI, 2003, p. 256-257).

Os documentos prescritivos entendem a escola como espaço para formação integral dos alunos por meio da promoção de discussões ligadas à vida de todos. Entre inúmeros apontamentos, as Diretrizes Curriculares Nacionais (DCN) também destacam que a escola é um espaço aberto ao ensino de regras comuns a todos, possibilitando o convívio democrático com as diferenças, mediante respeito mútuo e diálogo. A escola é um lugar em que os alunos têm condições de exercitar a crítica e de aprender a assumir responsabilidades em relação ao que é de todos (BRASIL, 2013). O art. 3 da Lei de Diretrizes e Bases nº 9394/96 - LDB (BRASIL, 1996) indica os princípios que devem nortear o ensino, dentre eles, destacamos:

II - liberdade de aprender, ensinar, pesquisar e divulgar a cultura, o pensamento, a arte e o saber;

III - pluralismo de idéias e de concepções pedagógicas;

IV - respeito à liberdade e apreço à tolerância;

A DCN aponta que os sistemas de ensino e as escolas devem adotar como norteadores das políticas educativas e das ações pedagógicas princípios: éticos, políticos, estéticos. Os princípios estéticos referem-se ao

cultivo da sensibilidade juntamente com o da racionalidade; de enriquecimento das formas de expressão e do exercício da criatividade; de valorização das diferentes manifestações culturais, especialmente as da cultura brasileira; de construção de identidades plurais e solidárias (BRASIL, 2013, p.108).

Desta forma, a Literatura de Cordel é uma dessas manifestações culturais, citadas pela DCN (Brasil, 2013). Essa forma de expressão é própria do interior do Nordeste brasileiro e tem como elementos marcantes: a oralidade e a presença de vários aspectos da cultura brasileira. Entre versos, rimas e cantorias essa literatura, especificamente brasileira, carrega a história do povo. Assim, no dia 19 de setembro de 2018, a Literatura de Cordel foi tombada como Patrimônio Cultural Imaterial Brasileiro (IPHAN, 2018), pedido que havia sido feito no ano de 2010 pela Academia Brasileira de Literatura de Cordel (ABLC) junto ao Instituto de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN).

Dentre as várias orientações presentes nas DCN, destacamos

também a Educação Ambiental, definida pelo documento como um processo dinâmico, participativo, que busca desenvolver habilidades, atitudes e valores sociais, direcionados à conservação do meio ambiente.

Considerando os apontamentos dos documentos oficiais, Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica (Brasil, 2010) e as DCN (BRASIL, 2013) que defendem a indispensabilidade de trabalhar de forma articulada, os conteúdos escolares e as temáticas modernas, entre elas a educação inclusiva com intuito de tentar eliminar manifestações de racismo, preconceitos, indicando atitudes responsáveis e solidários em relação aos outros e ao meio ambiente.

A transversalidade constitui uma das maneiras de trabalhar os componentes curriculares, as áreas de conhecimento e os temas contemporâneos em uma perspectiva integrada, tal como indicam as Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais para a Educação Básica. Aos órgãos executivos dos sistemas de ensino compete a produção e disseminação de materiais subsidiários ao trabalho docente, com o objetivo de contribuir para a eliminação de discriminações, racismos e preconceitos, e conduzir à adoção de comportamentos responsáveis e solidários em relação aos outros e ao meio ambiente (BRASIL, 2013, p. 115).

Neste contexto, integrar Literatura de Cordel e Educação Ambiental pode ser também um caminho na busca de novos significados para a aprendizagem. Apresentar o gênero cordel no contexto educacional, de acordo com Valente e Oliveira (2011), "justifica-se tanto pelas marcas das práticas sociais de letramento que carrega, quanto por permitir aos leitores de outras regiões brasileiras conhecerem outro gênero no qual também possam se reconhecer" (VALENTE; OLIVEIRA; 2011, p. 5)

Diante disso, esta pesquisa faz uma apropriação do gênero cordel, no contexto específico do ensino, sem a intenção de que as produções propostas na pesquisa sejam consideradas ou classificadas como expressão de arte ou literatura de cordel semelhante às produções dos poetas cordelistas.

Portanto, esta pesquisa propõe a junção entre a Literatura, por meio da Literatura de Cordel, e a Educação Ambiental, partindo da seguinte questão de pesquisa: de que maneira a Literatura de Cordel e a Educação Ambiental podem

integrar-se no curso de Ciências Biológicas?

Assim, este determinamos como objetivo geral: desenvolver e aplicar uma sequência didática relacionando Educação Ambiental e Literatura de Cordel.

Consideramos que ler, interpretar e produzir textos não se tratam apenas de tarefas ligadas à Educação Básica e precisam acompanhar toda formação do estudante, uma vez que a Literatura também é um instrumento social. Existem gêneros textuais e literários que ficam esquecidos nos bancos escolares e não são mais lidos depois do Ensino Médio. Esses gêneros merecem um espaço também na vida adulta e podem fazer parte do contexto dos cursos de graduação.

Desta maneira, estabelecemos como objetivos específicos para compor esta pesquisa:

- Apresentar a Literatura de Cordel aos estudantes do terceiro ano do curso de Licenciatura em Ciências Biológicas;
- Oferecer aos estudantes as características fundamentais do gênero cordel, bem como seu modo de produção;
- Promover a discussão acerca de temas relacionados à Educação Ambiental;
- Investigar a percepção dos estudantes que participaram da sequência didática.

Vale ressaltar que a pesquisa foi realizada após a apresentação e aprovação do projeto ao Comitê de Ética e Pesquisa da Universidade Estadual no Norte do Paraná (Plataforma Brasil número 02582318.4.0000.8123 – versão 1).

Para atingir os objetivos acima citados, seguimos os seguintes procedimentos metodológicos:

a) Revisão sistemática da literatura.

Segundo Kitchenham (2004), a Revisão Sistemática de Literatura possibilita ao pesquisador realizar um levantamento atualizado e mapear os trabalhos publicados. Para esta pesquisa, realizamos algumas adaptações cujo foco esteve na Literatura de Cordel como instrumento de ensino, tais adaptações podem ser observadas no capítulo Encaminhamentos Metodológicos.

b) Fundamentação teórica

Fundamentação esta que permite considerar conhecimentos existentes a respeito de Literatura de Cordel e o ensino de Educação Ambiental.

Estas pesquisas realizadas no campo teórico subsidiaram a idealização e elaboração de um produto educacional que viabilizou a aplicação da Literatura Cordel, no ensino de Educação Ambiental.

c) Elaboração da Sequência Didática (SD)

Após a fundamentação teórica, foi desenvolvida uma SD que buscou integrar a Literatura de Cordel e o ensino de um conteúdo específico de Educação Ambiental. A sequência passou pela análise intersubjetiva de 4 docentes de uma Instituição de Ensino Superior Pública, os docentes avaliaram se a sequência proposta era adequada ao ensino de um conteúdo específico de Educação Ambiental.

d) Aplicação da SD

A SD foi aplicada em turma composta por 27 estudantes do terceiro ano do curso de Licenciatura em Ciências Biológicas, com duração de 5 anos, noturno, de uma universidade pública da esfera estadual do Paraná.

e) Coleta e Análise dos Dados

Nesta fase, como instrumentos para a coleta de dados foi utilizado um questionário aplicado aos estudantes que participaram da SD (vide questionário no Apêndice C).

A análise dos dados foi realizada com base na Análise Textual Discursiva (ATD). A ATD é um processo de análise de dados que segue alguns passos específicos a fim de apresentar os resultados da análise de forma clara e objetiva aos leitores. O referencial teórico para este tipo de análise é de Moraes e Galiazzi (2016).

Por fim, esta pesquisa está estruturada em 7 capítulos. O capítulo 2 apresenta o referencial teórico a respeito de Educação Ambiental. O referencial teórico dedicado à Literatura de Cordel é apresentado no capítulo 3. Os aspectos ligados à Formação Inicial de Professores são contemplados no capítulo 4. Informações conceituais referentes à Sequência Didática estão descritas no capítulo 5. Os Encaminhamentos Metodológicos são delineados no capítulo 6. O capítulo 7 apresenta a Análise dos dados, realizada após a aplicação do produto educacional.

2 EDUCAÇÃO AMBIENTAL

Este capítulo aborda os conceitos referentes à Educação Ambiental (EA), apresentando o seu contexto histórico e direcionando os caminhos seguidos para consolidação da EA no Brasil.

Antes de qualquer definição ou fundamentação teórica acerca da EA, podemos pensar e observar a relação HOMEM x NATUREZA, como essa relação aconteceu no passado e continua nos dias atuais, uma vez que, a partir dessa relação, surgiu a Educação Ambiental na sociedade moderna.

Estudos indicam que o homem é o único animal que transforma a natureza de maneira consciente, enquanto que as plantas, as outras espécies animais e outras formas de vida se desenvolvem de acordo com as condições oferecidas pela natureza (SILVA; SILVA, 2012).

Essa relação implica em muitas questões, algumas até hoje, sem repostas: Como nos relacionamos com a natureza? O homem aprende em contato com a natureza? Poderá a natureza ser dominada pelo homem? Como essa relação influencia no nosso dia a dia, a nossa qualidade de vida? Será que realmente a sociedade procura agir de forma que as futuras gerações possam viver em boas condições ambientais? Essas questões não são próprias apenas do século XXI, em meados da década de 60 iniciaram muitos movimentos sociais, dentre eles o ecológico, nos quais os pesquisadores começaram a discutir as preocupações em relação às ações do homem na natureza (SILVA; SILVA, 2012).

Observando essa relação através dos tempos, nos primórdios da humanidade, na Antiga Grécia, por exemplo, houve períodos em que o homem considerava a natureza como algo sagrado, havia entre esses dois elementos magia e rituais fundamentais.

Na Antiguidade, Idade Média e parte da Idade Moderna ainda havia este tipo de comportamento cuidadoso e respeitoso da humanidade para com a natureza. Na Grécia, até o século V a.C., os mitos, a religião, a arte eram inspirados na natureza, os deuses e as deusas regiam à colheita, ao plantio e caça. A natureza para o homem era algo misterioso, desconhecido; a mesma era temida e respeitada, considerada algo divino.

Muitos ambientalistas citam as maneiras positiva e harmônica a relação de algumas culturas com a natureza, entre elas, a indígena e a oriental. A

maneira como cada grupo estabelece contato com a natureza sempre foi importante para a humanidade, Gonçalves (2006) afirma que

Toda sociedade, toda cultura cria, inventa, institui uma determinada teoria do que seja natureza. Nesse sentido, o conceito de natureza não é natural, sendo na verdade criado e instituído pelos homens. Constitui um dos pilares através do qual os homens erguem suas relações sociais, sua produção material e espiritual, enfim, a sua cultura (GONÇALVES, 2006, p. 23).

De certa forma, o distanciamento entre natureza e homem tornou-se mais evidente na sociedade ocidental. A respeito desse aspecto, Gonçalves (2006) declara:

O século XIX será o do triunfo desse mundo pragmático, com a ciência e técnica adquirindo, como nunca, um significado central na vida dos homens. A natureza, cada vez mais um objeto a ser possuído e dominado é agora subdividida em física, química e biologia. O homem em economia, sociologia, antropologia, história, psicologia etc. Qualquer tentativa de pensar o homem e a natureza de uma forma orgânica e integrada torna-se agora mais difícil [...] (GONÇALVES, 2006, p. 34).

A sociedade ocidental moderna inaugurou um novo modo de relação entre homem e natureza. A natureza passou a ser vista como um objeto, uma fonte inesgotável de recursos, o homem tornou-se dominador e os limites dessa parceria são ilimitados. No decorrer da história da humanidade, o avanço da ciência, da tecnologia acabaram "instrumentalizando" o homem para controlar a natureza e, assim, ocorreu a transição do homem contemplador para aquele que afastou-se e começou a entender que não dependia tanto mais dela (GONÇALVES, 2006).

Essa mudança de relação ficou evidente depois da Revolução Industrial, momento em que se destacou o antropocentrismo, o homem como centro do mundo. A natureza, diante disso, perde sua condição de divindade.

Nesse contexto, surgiu o ambientalismo; movimento que, de acordo com Lima (2011):

[...] emergiu e se organizou como uma vontade coletiva – embora diferenciada internamente – de denunciar, protestar, reivindicar mudanças e participar das decisões sobre os processos econômicos,

tecnológicos e políticos que produziam impactos ambientais destrutivos sobre os mundos social e natural (LIMA, 2011, p. 98).

Dias (2013) cita, dentre outras questões, a origem dos problemas ambientais globais, as dimensões humanas da crise ambiental que servem de base para redimensionar o presente e procurar construir o futuro com mais consciência e responsabilidade. Dias (2013) destaca que

Patrick Geddes, considerado o “pai” da educação ambiental, também expressou a sua preocupação com os efeitos da Revolução Industrial iniciada em 1779, na Inglaterra, pelo desencadeamento do processo de urbanização e suas consequências para o ambiente natural. O intenso crescimento econômico do pós-Segunda Guerra Mundial acelerou a urbanização e os sintomas da perda de qualidade ambiental começavam a aparecer em diversas partes do mundo (em 1952 o ar densamente poluído de Londres, smog, provocou a morte de 1.600 pessoas)(DIAS, 2013, pp. 17-18).

A questão ambiental surgiu após a 2ª Guerra Mundial, em 1945, momento de grande crescimento econômico no mundo, chamado pelos historiadores de era de ouro do capitalismo. O ritmo de crescimento econômico era acelerado, entretanto, problemas ambientais também começavam a surgir, visto que recursos naturais passaram a ser usados e alterados com mais frequência.

Em decorrência das mudanças e processos vividos pela sociedade, a década de 60 foi decisiva, apareceram as primeiras discussões ambientais, questionamentos quanto ao resultado das ações da sociedade industrial que refletiam diretamente na qualidade de vida das pessoas. Para Gonçalves (2006), os países desenvolvidos tinham ação direta nos impactos ambientais, resultantes do desenvolvimento dos modos de produção. Para Dias (2013):

A década de 1960 começou exibindo ao mundo as consequências dos modelos de desenvolvimento econômico adotados pelos países industrializados. Registraram-se níveis alarmantes de poluição atmosférica nos grandes centros urbanos – Los Angeles, Nova Iorque, Chicago, Berlim, Tóquio e Londres, principalmente. Os recursos hídricos, sustentáculo e derrocada de muitas civilizações, estavam sendo comprometidos a uma velocidade sem precedentes na história humana, catapultados pelo consumismo difundido pelo modelo de desenvolvimento vigente e agravados pelo crescimento populacional (DIAS, 2013, p. 18)

Nesse cenário, apareceu o nome importante de Rachel Carson (1907-1964), escritora norte-americana, que entregou ao mundo a obra "Primavera Silenciosa", em 1962, na qual descreve com detalhes o cenário ambiental da época, chamando atenção para a maneira irresponsável com que os setores produtivos agrediam a natureza; como o uso de defensivos agrícolas, desconsiderando os impactos para o meio ambiente. Essa publicação é considerada um clássico da história do movimento ambiental mundial e foi um marco no surgimento da EA, uma vez que provocou inquietações a respeito do assunto. Carson era bióloga e enfrentou os desafios de sua época, principalmente por ser mulher e declarar a preocupação gerada em seus estudos.

Lear (2013), no prefácio do livro "Primavera silenciosa" afirma

Quando Carson morreu, menos de um ano e meio mais tarde, na primavera de 1964, aos 56 anos de idade, havia dado partida a uma série de eventos que resultariam na proibição da produção doméstica do DDT e na criação de um movimento popular exigindo a proteção do meio ambiente por meio de regras estaduais e federais. O livro de Carson deu início a uma transformação na relação entre os seres humanos e o mundo natural, e incitou o despertar da consciência pública ambiental (CARSON, 2013, p.7).

Na opinião de Carson (2013), a cultura do pós-guerra, que subentendia o domínio sobre a natureza, foi a raiz do problema. A autora protestou contra a contaminação por meio de substâncias que atingiam o meio ambiente, os animais e acumulavam-se nas plantas. Nos seres humanos, a contaminação tinha o potencial de alterar a estrutura genética do organismo, Carson afirma que "o corpo humano era permeável e, como tal, vulnerável à substâncias tóxicas no meio ambiente" (CARSON, 2013, p. 13).

Segundo Lear (2013), Carson escrevia em uma linguagem acessível a todos. Especificamente, nessa obra usou, de maneira inteligente, o conhecimento público das radiações atômicas e descreveu como os inseticidas alteravam os processos celulares das plantas, animais e, conseqüentemente, dos seres humanos. Sua obra procurou denunciar que a ciência e a tecnologia estavam a serviço da indústria química, visando aos lucros e controle dos mercados sem considerar o quanto essas atitudes poderiam causar danos à população. Carson (2013) declarou

que o governo aprovava tais atitudes, sem exigir prestação de contas de forma adequada.

Depois da publicação de Carson (2013), houve a criação do Clube de Roma, em 1968, grupo formado por trinta especialistas de diversas áreas que promoviam discussões e reflexões a respeito da crise ambiental do momento (por volta de 1968) e o futuro da humanidade. As reuniões desse grupo deram origem ao relatório chamado "Os limites do crescimento":

Esse documento estabeleceu modelos globais baseados nas técnicas então pioneiras de análise de sistemas, projetados para prever como seria o futuro se não ocorressem ajustamentos nos modelos de desenvolvimento econômico adotados. Denunciava a busca incessante do crescimento material da sociedade, a qualquer custo, e a meta de se tornar cada vez maior, mais rica e poderosa, sem levar em conta o custo final desse crescimento. (DIAS, 2013, p. 20)

A partir da década de 70, as questões ambientais ganharam força, os olhares voltaram-se com preocupação para essas questões. Dias (2013) considera que as discussões promovidas pela obra de Rachel Carson e pelo relatório do Clube de Roma abriram caminho para que a Organização das Nações Unidas (ONU) promovesse, na Suécia, de 5 a 16 de junho de 1972, a Conferência da ONU sobre o Ambiente Humano, ou Conferência de Estocolmo. Foi o primeiro evento mundial em torno das questões ambientais, no qual pela primeira vez, questionou-se, internacionalmente, a relação entre o homem e a natureza. Participaram da Conferência 113 países, cujos objetivos eram destacar a visão global e princípios comuns que orientassem e norteassem a humanidade para a preservação e melhoria do ambiente. Nesse momento, a Educação também atentou-se para a temática, surgindo, assim, a proposta de EA. A mesma Conferência deu origem à Declaração sobre o Ambiente Humano e ao Plano de Ação, documentos que foram importantes para a criação de instrumentos de políticas de gestão ambiental.

Depois dessa Conferência, em Belgrado, outubro de 1975, houve o Seminário Internacional, conhecido como Encontro de Belgrado, promovido pela Unesco, o qual deu origem a um importante documento: à Carta de Belgrado, que

propunha nova ética global, voltada para o combate à fome, à miséria, ao analfabetismo, à poluição e à exploração entre os homens. Nesse evento, as questões sociais juntaram-se às questões ambientais.

Por volta da década de 70, o Brasil vivia intenso processo de desenvolvimento que influenciava diretamente nas questões ambientais. Podemos citar como exemplo o rápido crescimento industrial, aliado ao sonho do desenvolvimento a qualquer preço; as grandes obras e construções que surgiam nesse momento aceleravam a degradação da natureza. Entre outros aspectos também destacamos os acelerados movimentos migratórios e a intensa urbanização; o urbano-industrial como sinônimo de modernidade confrontando-se ao rural agrário que insinuava sinal de atraso; os país apresentava sinais de que estava saindo da pobreza, entretanto, era evidente o aparecimento da poluição, desmatamento, processos que causariam impacto direto na natureza e, conseqüentemente, no surgimento da EA. Lima (2011) considera que

As ameaças que desencadearam o ambientalismo tinham seu lado mais explicitamente impactante nos riscos da produção econômica e tecnológica, os chamados “riscos do progresso”, que envolviam efeitos diversos de poluição química, nuclear e bacteriológica, além de um amplo espectro de conseqüências imprevistas, e muitas vezes indetectáveis, sobre os ecossistemas vivos e sobre a vida humana (LIMA, 2011, p. 98).

No Brasil, o pioneiro da EA foi José Lutzenberger, gaúcho, agrônomo, que criou nos anos 70 a "Associação Gaúcha de Proteção ao Ambiente Natural" e a Fundação GAIA, em 1987. Preocupava-se com o estilo de vida das pessoas, afirmando que os problemas ambientais estavam intimamente ligados a isso e, assim, fazia-se importante a educação para novos valores e novas atitudes diante do modo de viver:

É interessante observar que o movimento ecologista é socialmente enraizado mais no Rio Grande do Sul, onde a AGAPAM (Associação Gaúcha de Preservação Ambiental) reuniu ecologistas a partir da luta contra a Borregaarde, empresa multinacional que poluía as águas do Rio Guaíba, na grande Porto Alegre e onde José Lutzenberger, ex-agrônomo de uma grande empresa multinacional de agrotóxicos, rompe com a perspectiva da agroquímica e assume profundamente a causa ecológica e social (GONÇALVES, 2006, p. 16).

Para Gonçalves (2006), o início das preocupações com as questões ambientais no Brasil contou com três circunstâncias fortes: o Estado pretendia atrair investimentos estrangeiros, os quais só viriam se o país adotasse medidas preservacionistas; emergência, na região Sul e em alguns outros estados, um movimento contra o uso indiscriminado de agrotóxicos; e surgia em muitos assuntos a interferência dos exilados políticos, que retornavam ao país na década de 70. Os exilados políticos retornaram ao Brasil renovados por experiências com movimentos ambientalistas europeus e colaboraram com o movimento ecológico brasileiro.

Ainda na década de 70, após o Encontro de Belgrado, a próxima ação importante para a EA foi a 1ª Conferência Internacional de Educação Ambiental de Tbilisi, na Rússia, em 1977, reiterando as questões discutidas em Belgrado. Nessa Conferência, ficou determinada a importância e a necessidade de unir nas discussões o aspecto social, ao cultural e ao ecológico.

Na Conferência de Tbilisi, de acordo com as descrições de Marcatto (2002), ficou estabelecido que a EA deveria ser um processo que contemplasse as seguintes características, tendo-a em vista, sempre, como um processo:

- **Participativo** - buscando, como prioridade, a conscientização do cidadão acerca do meio ambiente;
- **Dinâmico** - deve ser um processo dinâmico que gere conhecimento aos cidadãos, preparando-os no que diz respeito ao meio ambiente em que vivem, de forma que promovam as atitudes individuais e coletivas diante dos problemas ambientais;
- **Abrangente** - não deve limitar-se a um segmento específico da sociedade, precisa ser discutido, exposto em todas as fases do ensino formal, atingindo, além disso, família, comunidade, buscando a conscientização dos demais grupos da sociedade;
- A conscientização acerca da EA caracteriza-se como um processo **permanente**. A busca pelo desenvolvimento do senso crítico requer tempo, desta forma, é adequado que seja um processo de conscientização gradativo e contínuo;
- Cada comunidade possui a sua realidade, seus traços específicos, o que faz com que o processo de EA ocorra de maneira **contextualizada**, respeitando cada peculiaridade encontrada;

- **Globalizador**, recomenda-se que o trabalho com EA considere os ambientes natural, social, cultural, ético, econômico, político, histórico, tecnológico, estético.

Em suma, o processo de EA deve ser: participativo, dinâmico integrativo, transformador, permanente, contextualizador e globalizador. Além desses aspectos, Marcatto (2002) indica mais uma característica relevante: a "transversal", incorporada recentemente pela EA brasileira

Transversal - propõe-se que as questões ambientais não sejam tratadas como uma disciplina específica, mas sim que permeie os conteúdos, objetivos e orientações didáticas em todas as disciplinas. A educação ambiental é um dos temas transversais dos Parâmetros Curriculares Nacionais do Ministério da Educação e Cultura (MARCATTO, 2002, p. 19).

A mesma Conferência, citada anteriormente, traçou os princípios que deveriam nortear os programas e projetos em EA, Marcatto (2002) elenca-os em:

- Observar o ambiente considerando seus aspectos naturais, artificiais, tecnológicos e sociais; reafirmando a característica globalizadora que a EA precisa contemplar;
- Atingir, de forma contínua, a maior parte da sociedade, oferecendo mecanismos para que haja a conscientização acerca das questões ambientais;
- Promover atividades de modo interdisciplinar, a fim de apresentar uma perspectiva global a respeito das questões ambientais;
- Contribuir para que os alunos entendam os efeitos e as causas dos problemas ambientais;
- Fazer parte de momentos de ensino e aprendizagem, em todos os níveis, possibilitando a reflexão diante dos problemas ambientais desde a comunidade local até a esfera mundial;
- Considerar a perspectiva histórica, a qual está intimamente ligada às questões ambientais, destacando as ações atuais que também determinam futuras condições do meio ambiente;

- Conscientizar a população a respeito da importância da cooperação local, nacional e internacional;
- Considerar os aspectos ambientais como parte importante nos planos de desenvolvimento e crescimento das cidades;
- Destacar a complexidade dos problemas ambientais, buscando desenvolver o senso crítico da comunidade;

Assim, EA começou a percorrer novo caminho com intuito de tornar-se um projeto transformador, crítico e político. Entretanto, esses três elementos não foram rapidamente incorporados às discussões e aos projetos de maneira prática (JACOBI, 2003).

Mesmo com a temática em ampla ascensão, as propostas de muitos países desenvolvidos eram apenas de preservar o meio natural, desconsiderando as influências do meio social no meio natural. Buscando uma trajetória significativa para o meio ambiente, em 1983, a ONU, por meio do Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente, criou a Comissão Mundial sobre o Meio Ambiente e Desenvolvimento que tinha como função analisar questões relacionadas ao meio ambiente; equipe chefiada pela primeira Ministra da Noruega, Gro Harlem Brundtland. Essa ação desencadeou um período de pesquisas, de diálogos entre governos e várias entidades no que dizia respeito à vida em sociedade e ao meio ambiente.

Como resultado desses estudos, houve a publicação do documento conhecido como Relatório de Brundtland (JACOBI, 2003), também intitulado "Nosso futuro comum", o qual trouxe mais alguns pontos para o debate, entre eles, algumas medidas para o desenvolvimento sustentável. O documento não limitou-se em apontar problemas ambientais, mas procurou levantar a reflexão de que para que o desenvolvimento sustentável fosse pensado de forma atenta, seria necessário um conjunto de fatores: a cooperação, a atenção à situação de pobreza, os cuidados com saúde, alimentação, habitação, as fontes de energias renováveis e o desenvolvimento tecnológico. A respeito do relatório, Jacobi (2003) afirma

Não só reforça as necessárias relações entre economia, tecnologia, sociedade e política, como chama a atenção para a necessidade do reforço de uma nova postura ética em relação à preservação do meio ambiente, caracterizada pelo desafio de um responsabilidade tanto

entre as gerações quanto entre os integrantes da sociedade dos nossos tempos." (JACOBI, 2003, p.194)

O relatório serviu de base para a realização da Conferência da ONU sobre o Meio Ambiente e Desenvolvimento (Rio 92), realizada 20 anos depois da Conferência de Estocolmo. O evento reuniu representantes de 170 países, os quais discutiram a situação ambiental do mundo e as transformações ocorridas no planeta desde a última Conferência. Em decorrência dessas discussões, fortaleceu-se o conceito de Desenvolvimento Sustentável, despontou a necessidade de unir o desenvolvimento e a proteção ao meio ambiente em uma mesma meta. Dias (2013) destaca que foi um momento em que se procurou criar estratégias regionais e globais para efetivas ações, no que dizia respeito às questões ambientais. A Rio 92 gerou a Agenda 21 e um Plano de Ações para as Nações considerando o desenvolvimento sustentável.

As bases traçadas em Tbilisi orientaram o processo de EA, no Brasil, e foram relevantes para a criação da lei que estabeleceu as diretrizes para EA, **Lei Federal** n.9795/99¹, sancionada em 27 de abril de 1999 que instituiu a Política Nacional de Educação Ambiental. A **Lei Federal** n.9795/99 foi regulamentada em 25 de junho de 2002, por meio do decreto nº 4.281, explicitando, dentre outros pontos, a definição e os princípios da EA

Art. 1º Entendem-se por educação ambiental os processos por meio dos quais o indivíduo e a coletividade constroem valores sociais, conhecimentos, habilidades, atitudes e competências voltadas para a conservação do meio ambiente, bem de uso comum do povo, essencial à sadia qualidade de vida e sua sustentabilidade.

Art. 2º A educação ambiental é um componente essencial e permanente da educação nacional, devendo estar presente, de forma articulada, em todos os níveis e modalidades do processo educativo, em caráter formal e não-formal.

Art. 4º da EA brasileira são princípios básicos da educação ambiental:

I –o enfoque humanista, holístico, democrático e participativo;

II –a concepção do meio ambiente em sua totalidade, considerando a interdependência entre o meio natural, o sócio-econômico e o cultural, sob o enfoque da sustentabilidade;

¹<http://www2.mma.gov.br/port/conama/legiabre.cfm?codlegi=321>

III –o pluralismo de idéias e concepções pedagógicas, na perspectiva da inter, multi e transdisciplinaridade;

IV –a vinculação entre a ética, a educação, o trabalho e as práticas sociais;

V –a garantia de continuidade e permanência do processo educativo;

VI –a permanente avaliação crítica do processo educativo;

VII –a abordagem articulada das questões ambientais locais, regionais, nacionais e globais;

VIII - o reconhecimento e o respeito à pluralidade e à diversidade individual e cultural.

O art. 5º contempla os objetivos fundamentais da EA:

I - o desenvolvimento de uma compreensão integrada do meio ambiente em suas múltiplas e complexas relações, envolvendo aspectos ecológicos, psicológicos, legais, políticos, sociais, econômicos, científicos, culturais e éticos;

II - a garantia de democratização das informações ambientais;

III - o estímulo e o fortalecimento de uma consciência crítica sobre a problemática ambiental e social;

IV - o incentivo à participação individual e coletiva, permanente e responsável, na preservação do equilíbrio do meio ambiente, entendendo-se a defesa da qualidade ambiental como um valor inseparável do exercício da cidadania;

V - o estímulo à cooperação entre as diversas regiões do País, em níveis micro e macrorregionais, com vistas à construção de uma sociedade ambientalmente equilibrada, fundada nos princípios da liberdade, igualdade, solidariedade, democracia, justiça social, responsabilidade e sustentabilidade;

VI - o fomento e o fortalecimento da integração com a ciência e a tecnologia;

VII - o fortalecimento da cidadania, autodeterminação dos povos e solidariedade como fundamentos para o futuro da humanidade.

A EA, no Brasil, também contou com a realização da Rio+20, Conferência das Nações Unidas, com a participação de governantes ou representantes de aproximadamente 180 países. O objetivo do evento era discutir

questões em relação ao desenvolvimento sustentável e retomar, após 20 anos, diversos temas explorados na Eco-92 (JACOBI, 2003). Além das questões direcionadas ao meio ambiente, a Conferência teve como foco:

- fortalecer e assegurar o desenvolvimento entre os povos;
- trabalhar questões inerentes à economia verde.

Estava entre os objetivos do evento estabelecer a cooperação a fim de conquistar uma sociedade mais justa para todos. Porém, os resultados gerados após o evento demonstraram o contrário, diversos países que estabeleceram perspectivas de soluções e ações para o desenvolvimento sustentável, entretanto, após a realização da Conferência, negligenciaram os acordos firmados. Vários pesquisadores apontam que a crise econômica internacional caracterizou-se como fator determinante dessa negligência.

Neste capítulo evidenciamos os conceitos referentes à Educação Ambiental (EA), o seu contexto histórico e os caminhos seguidos para consolidação da EA no Brasil.

3 LITERATURA DE CORDEL

Este capítulo tem como objetivo apresentar a Literatura de Cordel, partindo de seu contexto histórico, apontar sua estrutura e características específicas, delinear os tipos de cordéis, apresentar o conceito de peleja e, por fim, caracterizar a arte da xilogravura.

Iniciamos o capítulo apresentando o cordel de Patativa do Assaré (1909-2002)

Cabra da peste Patativa do Assaré

Eu sou de uma terra que o povo padece
Mas não esmorece, procura vencer,
Da terra querida, que a linda cabocla
Com riso na boca zomba no sofrer

Não nego meu sangue, não nego meu nome,
Olho para fome e pergunto: o que há?
Eu sou brasileiro fio do Nordeste,
Sou Cabra da Peste, sou do Ceará

Tem muita beleza minha boa terra,
Derne o vale à serra, da serra ao sertão
Por ela eu me acabo, dou a própria vida,
É terra querida do meu coração

Meu berço adorado tem bravo vaqueiro
E tem jangadeiro que domina o má
Eu sou brasileiro fio do Nordeste,
Sou Cabra da Peste fio do Ceará

Ceará valente que foi muito franco
Ao guerreiro branco Soares Moreno,
Terra estremecida, terra predileta
Do grande poeta Juvená Galeno

Sou dos verde mare da cor da esperança,
Qui as água balança pra lá e pra cá.
Eu sou brasileiro fio do Nordeste,
Sou Cabra da Peste, sou do Ceará

Ninguém me desmente, pois, é com certeza
Quem quer vê beleza vem ao Cariri,
Minha terra amada possui mais ainda,

A muié mais linda que tem o Brasi.

Terra da Jandaia, berço de Iracema,
Dona do poema de Zé de Alencar
Eu sou brasileiro fio do Nordeste,
Sou Cabra da Peste, sou do Ceará

3.1 Contexto Histórico sobre Cordel

Estima-se que a Literatura de Cordel tenha origem em um tempo bastante remoto, durante o período medieval, despontando na Península Ibérica. Na Idade Média, era costume dos povos expressar seus feitos, sentimentos em relação à vida, as narrativas heroicas dos cavaleiros, histórias das guerras, por meio de textos orais. Além disso, os trovadores tinham o hábito de envolver o público em suas apresentações, as quais eram permeadas de histórias cantadas, acompanhadas de algum instrumento musical, como a rabeca ou o alaúde (FERNANDES, 2016).

Sendo assim, foi na oralidade, no hábito antigo dos homens em contar histórias, que nasceu a Literatura de Cordel: um tipo de arte elaborada para ser cantada ou recitada. A partir do momento que a humanidade começou a dominar a habilidade da escrita, teve início o registro das narrativas orais por aqueles que dominavam essa habilidade, surgindo, desta forma, os folhetos de cordel. É importante destacar que o cordel teve seu berço nas narrativas orais (FERNANDES, 2016).

Spadafora (2010) afirma que o cordel está ligado à tradição popular de contar histórias da mesma maneira que os mitos, os contos, as fábulas e as lendas. O cordel foi uma literatura difundida em alguns países da Europa, como Portugal, França, Espanha, Alemanha, antes de ser conhecido no Brasil.

Luyten (2005) cita a poesia popular francesa, que se destacou na cidade de Troyes, na França, no século XV, como uma das precursoras desse tipo de produção poética. Essas produções receberam o nome de *littérature de colportage*, que significa literatura de mascate e, de acordo, com Silva (2014, p. 22) "[...] faz lembrar a vida nômade dos trovadores medievais que vagueavam por lugarejos e cidades apregoando suas cantigas".

Entre os séculos XV e XVI, na literatura francesa, foram publicados

aproximadamente 1500 títulos entre folhetos de cordel e almanaques populares. Era um tipo de produção nova, uma vez que conseguiram transformar em versos escritos as produções tradicionalmente orais, fato importante para o surgimento e aprimoramento dos estilos literários subsequentes, como por exemplo, as cantigas trovadorescas. Spadafora (2010, p. 41) diz que "[...] havia folhetos em versos como os nossos, e também em prosa ou misto [...] uma literatura volante de forma dirigida ao meio rural".

Alguns autores consideram a possibilidade de que o cordel tenha surgido na Península Ibérica:

[...] o folheto de Cordel se origina dos Cancioneiro ibéricos, da Idade Média, e era literatura apreciada na Espanha, nos séculos XVI e XVII, geralmente por pessoas incultas, ainda que alfabetizadas. Desta forma os folhetos apresentavam cópias encurtadas de histórias de aventuras, visto que nem todos compreendiam os textos considerados originais. Muitas vezes, esses folhetos serviam de inspiração para novelas cultas e, além disso, tinham a função de alfabetizar o povo (SODRÉ, 1978 *apud* SPADAFORA, 2010, p.41).

Silva (2014) relata que encontramos, tanto ao longo da história da literatura quanto da humanidade, dois tipos de manifestações poéticas: aquela que tem rigor gramatical e, portanto, expressão da linguagem erudita; outra, com características mais populares, próxima da oralidade, com linguagem próxima ao povo. Assim, para o autor, o cordel resultou da união dessas duas maneiras de escrever poesia; produzia-se algo relativamente novo, mas influenciado pela poesia erudita já existente ou adaptavam-se títulos consagrados. Logo, tem-se o motivo de encontrarmos na Literatura de Cordel personagens, histórias, peças teatrais de origem erudita.

Destacamos a afirmação de Manuel Diégues Júnior (1977) a respeito da origem do cordel, presente no prefácio do livro "Antologia da Literatura de Cordel":

Os inícios da literatura de cordel estão ligados à divulgação de histórias tradicionais, narrativas de velhas épocas, que a memória popular foi conservando e transmitindo; são os chamados romances ou novelas de cavalaria, de amor, de narrativas de guerras ou viagens ou conquistas marítimas. Mas ao mesmo tempo, ou quase ao mesmo tempo, também começaram a aparecer, no mesmo tipo de poesia e de apresentação, a descrição de fatos recentes, de

acontecimentos sociais que prendiam a atenção da população.(DIÉGUES JÚNIOR, 1977 *apud* SILVA, 2014, p. 24).

A Literatura de Cordel percorreu um longo caminho até constituir-se como literatura especificamente brasileira. Pesquisadores do assunto não costumam identificar um momento exato ou uma obra específica para o marco inicial da origem dessa literatura. Abreu (2011), em sua obra "Histórias de Cordéis e Folhetos", faz reflexões acerca da origem da Literatura de Cordel, estabelecendo um estudo comparativo entre o cordel em Portugal e no Brasil. Antes de explicitar da sua pesquisa, a autora apresenta a visão de alguns autores acerca da origem do cordel brasileiro. Para Abreu (2011), alguns estudiosos acreditam na relação de dependência entre os cordéis portugueses e os brasileiros, como por exemplo, Mário Souto Maior (s/d) que considera a Literatura de Cordel brasileira como a união da literatura popular ibérica, em verso e prosa, junto às habilidades dos poetas improvisadores do Nordeste.

Abreu (2011) também cita a posição de Manuel Diégues Júnior que afirma que as "folhas volantes lusitanas", como eram chamadas tais produções, deram origem ao cordel brasileiro, uma vez que atravessaram o oceano na bagagem do colono português:

Estas "folhas volantes" ou "folhas soltas", decerto em impressão muito rudimentar ou precária, eram vendidas nas feiras, nas romarias, nas praças ou nas ruas; nelas registravam-se fatos históricos ou transcrevia-se igualmente poesia erudita. Gil Vicente, por exemplo, nela aparece. Divulgavam-se, por intermédio das folhas volantes, narrativas tradicionais, como a Imperatriz Porcina, Princesa Magalona, Carlos Magno. Tudo isso, evidentemente, e como seria natural, se trasladou, com o colono português, para o Brasil; nas naus colonizadoras, com lavradores, os artífices, a gente do povo, veio naturalmente esta tradição do romanceiro, que se fixaria no Nordeste como literatura de cordel. (DIÉGUENES JÚNIOR, 1973 *apud* ABREU, 2011, p.16)

Para Londres (1983), os escritos portugueses foram importantes para o surgimento dos folhetos de cordel:

Sua origem remonta às folhas volantes e aos manuscritos portugueses que, desde os fins do século XVI, percorrem o Nordeste brasileiro. Não se conhece outro documento de igual importância no que concerne à investigação da permanência da literatura tradicional ibérica, as transformações por que passa na América e o

desdobramento em narrativas novas, brasileiras (LONDRES, 1983 *apud* ABREU, 2011, p. 16).

A autora ainda nos apresenta a afirmação de Adriano da Gama Kury, o autor considera que a poesia produzida no Nordeste tem características próprias que perduram ainda até os dias atuais, mas inegável origem nas produções ibéricas.

Mesmo considerando que o cordel brasileiro tenha origem nas folhas volantes portuguesas, vários autores ponderam que as produções brasileiras sofreram alterações, adaptações em contato com o cotidiano brasileiro, além de influências de diversidades culturais vindas de outros lugares. Entretanto, Abreu (2011) ao confrontar em seus estudos as duas literaturas, portuguesa e brasileira, não defende a influência direta dos cordéis portugueses nos folhetos brasileiros. Para a autora, a Literatura de Cordel portuguesa não possuía uniformidade nas produções, não seguia um padrão determinado. Ainda segundo a mesma estudiosa, as primeiras produções em cordel que se tem registro são algumas peças de Gil Vicente adaptadas para leitura em cordel.

Há indícios de que também eram adaptadas para o cordel as novelas, farsas, contos fantásticos, notícias, peças teatrais e outros textos clássicos. Essas adaptações eram realizadas com o intuito de que fossem consumidas por diversas camadas da população. Nesse sentido, para Abreu (2011), seria um material de baixo custo, com objetivo de atingir um grande público.

Devido a esse aspecto, Abreu (2011, p. 48) considera que não é o texto, o assunto, os autores ou o público que conferem ao cordel português características de literatura popular, mas sua "materialidade - sua aparência e seu preço". Em Portugal, o cordel era mais um modelo editorial que adaptava textos consagrados pela literatura, gêneros variados, de forma a oferecer uma linguagem mais acessível ao gosto popular.

Também foram traduzidos para o cordel, em português, romances tradicionais como "História da Donzela Teodora" (1712), "História do Imperador Carlos Magno" (1728), "Princesa Mangalona" (1732), "História de Roberto do Diabo" (1732).

Assim, durante o século XVIII, surgiram importantes autores portugueses que publicaram em forma de cordel, como por exemplo, Ribeiro Chiado, Afonso Álvares, além de Baltasar Dias; o último citado foi considerado o autor que

mais publicou em cordel e teve algumas de suas obras também reimpressas no Brasil.

No final século XVIII e início do XIX, os autores deixaram de publicar apenas traduções, adaptações de obras clássicas e começaram a escrever cordéis com temas variados como aniversários, casamentos, mortes, fatos do cotidiano social, além das narrativas históricas, religiosas, provérbios, e tantos outros assuntos. Abreu (2011) ainda afirma que, nesse período, a produção de folhetos de cordel não era realizada apenas por integrantes das camadas consideradas populares, de baixa renda, e nem mesmo o público leitor era apenas os integrantes dessas camadas.

Obviamente, isso não quer dizer que a literatura de cordel fosse destinada aos fidalgos, mas não se pode tentar defini-la como uma literatura definida exclusivamente às camadas pobres ou pressupor que ela expusesse e revelasse o ponto de vista popular, visto o interesse que despertava desde o rei até as senhoras da corte (ABREU, 2011, p. 45).

Por conseguinte, muitas dessas produções vieram para o Brasil junto com os colonizadores e foram deixadas no Rio de Janeiro, Bahia, Pernambuco, Maranhão e Pará; estima-se que aproximadamente 250 títulos chegaram ao Brasil nessa época. Em contato com esta literatura, os poetas nordestinos viram a possibilidade de reprodução. Entretanto, fizeram adaptações, principalmente quanto à forma, visto que os poetas nordestinos tinham rigor e cuidado com as rimas.

3.2 O Termo Cordel

Antes da denominação "Literatura de cordel", adotada até os dias atuais, essa forma de expressão escrita foi chamada primeiro de "folhas volantes", termo usado em Portugal para referir-se à modalidade de escrita composta por poemas curtos e poucas páginas. Recebeu também o nome de literatura para cegos, uma vez que vigorou, nas terras portuguesas, durante um certo tempo, uma lei determinando que apenas os portadores dessa deficiência é que poderiam comercializar os folhetos nas feiras livres e praças públicas. De acordo com

Fernandes (2016, p. 18), esse fato "[...] ocorreu como resultado de uma reivindicação feita pela irmandade do Menino Jesus dos Cegos de Lisboa". Posteriormente, ainda em Portugal, aflora o termo "cordel", associado à forma como os poemas eram colocados à venda, pendurados em varais de barbante ou cordão (vide Figura 1). Fernandes (2016, p.18) reitera que "[...] a origem do nome "Literatura de Cordel" estaria assim associada à impressão precária dos folhetos que eram expostos à venda pendurados em varais de barbante".

Figura 1 - Folhetos pendurados em varais de barbantes



Fonte: Fundação Astrojildo Pereira <http://www.fundacaoastrojildo.com.br/2015/2019/09/12/a-literatura-de-cordel-no-programadiferente/>. Acesso em: 26/07/2019

Essa expressão passou a ser adotada na literatura nordestina por volta de 1970, mas não foi algo aceito com unanimidade, Abreu (2011) afirma que o público nordestino, tanto os que produziam quanto aqueles que escreviam, não reconheciam tal nomenclatura e preferiam referir-se à produção como "literatura de folhetos" ou, apenas, "folhetos". Entretanto, o termo "Literatura de cordel" foi insistentemente empregado e acabou adotado pelos poetas.

3.3 O Cordel Brasileiro e suas Formas

O contato com os cordéis portugueses foram fonte de inspiração para os poetas nordestinos e importantes na ampliação do repertório de "[...] situações, temas, personagens, incorporados a uma poética fixa, criada e aperfeiçoada pelos nordestinos" (ABREU, 2011, p. 134). Os cordéis que serviram de inspiração para os poetas nordestinos tinham como tema: feitos heroicos, histórias de animais, narrativas de amor e de sofrimento, aventuras de cavalaria, contos maravilhosos. Contudo, os poetas nordestinos, alguns até sem instrução,

semianalfabetos, mas carregados de talento, conferiram ao cordel brasileiro uma forma particular, desenvolvendo uma literatura própria, com musicalidade bem marcada, em um contexto social, político e econômico particular. Literatura que resiste até hoje, permitindo aos leitores contemporâneos encontrar as marcas de sua história também por meio da Literatura de Cordel.

Existem inúmeros cordéis que apresentam o contexto histórico da Literatura de Cordel, como por exemplo, o cordel de Manuel Monteiro da Silva (2002) que escreveu

Este "livrinho" singelo
 Impresso em papel jornal,
 Tamanho padronizado,
 Capa bem original,
 Versos e Xilogravura
 É herança da cultura
 Trazida de Portugal

Era escrito em "folhas soltas"
 Logo quando apareceu
 No advento da imprensa
 Ganhou o palco europeu
 Contando histórias do povo
 Mas foi cá no Mundo Novo
 Que o cordel floresceu

Dizem que o cordel
 Vem lá dos tempos passados
 Quando os poetas vendiam
 Seus livros pendurados
 Em cordinhas ou cordões,
 Pelas feiras dos sertões
 Nos burgos mais afastados.

Lá por Mil e oitocentos
 e trinta e seis, mais ou menos,
 Há registros no Nordeste
 Desses livretos pequenos
 De lá para cá os milhares
 De títulos e exemplares
 Brotaram nestes terrenos.

Conforme citado anteriormente, existem vários estudos acerca de como o cordel despontou no Brasil. Alguns pesquisadores apontam que a Literatura de Cordel veio na mala dos colonizadores portugueses, provavelmente, no início do século XVI, desembarcando em Salvador, o primeiro lugar a ter registros de cordel, partindo, posteriormente, para outros estados. Entretanto, vale destacar que esse

percurso iniciou-se oralmente, pois as técnicas de impressão escrita ainda não fazia parte do cotidiano no país. Por meio da voz dos cantadores, o cordel ganhou espaço na vida do povo brasileiro. Abreu (2011, pp. 73-74) destaca a oralidade presente no surgimento do cordel brasileiro:

No Nordeste tem grande relevância as cantorias, espetáculos que compreendem a apresentação de poemas e desafios. O estilo característico da literatura de folhetos parece ter iniciado seu processo de definição nesse espaço oral, muito antes que a impressão fosse possível. (ABREU, 2011, pp. 73-74)

Para a mesma autora, a Literatura de Cordel brasileira está entre o oral e o escrito, sem que haja regra determinada de classificação, já que a forma impressa não excluiu o tom de oralidade.

Considerando que se trata de uma forma de expressão com berço na oralidade e de maneira popular, fica difícil estabelecer com exatidão quem realmente deu início a essa tradição oral dos cantadores. O primeiro nome citado pelos estudiosos é o de Agostinho Nunes da Costa (1797-1858), responsável por carregar a missão de ter iniciado as cantorias. É fato que outros vieram antes dele e sabemos da importância de seus antecessores para fortalecer essa literatura que venceu o tempo e ainda perdura na Literatura Brasileira. Mas, o cordel, no Brasil ganhou força no final do século XIX e início do XX.

Abreu (2011) afirma que Agostinho Nunes da Costa viveu na Serra do Teixeira, Paraíba, onde também surgiram importantes poetas que formaram, junto com Agostinho, o grupo do Teixeira: Romualdo da Costa Manduri, Bernardo Nogueira, Germano da Lagoa, Francisco Romano, Silvino Piruá. Posteriormente, juntaram-se a eles Leandro Gomes de Barros e Francisco das Chagas, que apesar de não serem cantadores, passaram a integrar o grupo. Assim, nas vozes desses artistas, a poesia avançou pelo sertão:

Estes cantores apresentavam-se nas casas-grandes das fazendas ou residências urbanas, em festejos privados ou em grandes festas públicas e feiras. Alguns permaneciam nos locais que residiam - suas "ribeiras" - aguardando a chegada de um oponente; outros percorriam o sertão, cantando versos próprios ou alheios, apresentando-se sozinhos ou em duplas. (ABREU, 2011, p.75)

Leandro Gomes de Barros (1868-1918) tornou-se figura notória na Literatura de Cordel, apontado pelos pesquisadores, como responsável pela impressão dos primeiros folhetos de cordel.

O cordel mistura-se à história de vida do povo nordestino, conforme afirma Castro, "[...] nesse sentido o verso do cordel faz sua trajetória no papel marcando as nuances de registros de história de um povo [...]" (CASTRO, 2016, p. 19). O autor enfatiza que a essência dos cordéis está em apresentar as ideias em versos e estrofes, cuidando das métricas e das rimas; aspectos que viabilizam a leitura, tornando o texto agradável de ser lido ou cantado.

Diante do exposto, temos uma questão: qual a definição de cordel? Nos trabalhos correlacionados ao tema, frequentemente o encontramos como gênero. Roiphe define cordel como "[...] um gênero que se caracteriza pela presença da linguagem verbal e da linguagem visual, simultaneamente, em sua composição, tratando-se, portanto, de gênero verbo-visual" (ROIPHE, 2011, p. 118).

Roza (2017) considera-o um gênero da literatura popular com características próprias e importância reconhecida por autores consagrados como Carlos Drummond de Andrade, Jorge Amado, Ariano Suassuna, Guimarães Rosa, João Cabral de Melo Neto e tantos outros. Mas Albuquerque (2011) considera Literatura de Cordel tem algumas definições, visto que existem autores que a classificam como tipo textual, ciclo temático ou gênero literário.

3.4 As modalidades dos Cordéis

O cordel tem estrutura própria, a métrica e as rimas são fundamentais, por tratar-se de um poema que pode ser lido ou cantado. Cada folheto de cordel tem sua particularidade e a originalidade é a marca do cordelista. O termo cordelista refere-se ao poeta que produz cordéis escritos; é também chamado de poeta de bancada, pois segundo os poetas do sertão, é alguém que leva mais tempo pensando e criando seus versos. O repentista é aquele que age no improviso, cria seus versos de com certa rapidez, muitas vezes acompanhado de uma viola. De acordo com Teixeira (2008), quando as cantorias passaram para a linguagem escrita receberam o nome de folhetos.

Antes de apontarmos as estruturas comuns aos cordéis, é importante afirmar que os poemas em geral apresentam características formais

compostas por versos, estrofes, rimas e métrica. Esses recursos formais aliados à linguagem poética, às figuras de linguagem e aos fonemas buscam um objetivo essencial: o ritmo poético.

Os versos são as linhas do poema e os conjuntos de versos são denominados estrofes. Nos poemas, a rima é formada pela repetição de sons iguais ou semelhantes e ocorre no final dos versos ou no interior deles. Caso as rimas estejam no final dos versos, são marcadas por letras maiúsculas, no Quadro 1, apresentamos um exemplo, com esquema de rimas ABCBDB. No cordel, especificamente, o cordelista procura desenvolver o mesmo esquema de rimas em todas as estrofes do mesmo cordel (DE NICOLA, 2011).

Quadro 1 – Exemplo de rima. Trecho do Cordel: Rodolfo e Leocádia ou A Força do Sangue.

Para o leitor que aprecia	A
Um bom romance rimado	B
Leia agora este episódio,	C
Há muito tempo passado .	B
Em Toledo na Espanha.	D
Por Cervantes foi narrado .	B

Fonte: Cordelteca – Acervos Digitais do Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular – Disponível em: http://www.cnfcp.gov.br/interna.php?ID_Materia=54. Acesso em: 26/07/2019.

As sílabas que compõem os versos de um poema são chamadas de sílabas poéticas, cuja divisão e contagem são diferentes das sílabas gramaticais; elas são contadas e divididas de acordo com a emissão sonora. Nessa contagem, se duas sílabas gramaticais são pronunciadas em uma única emissão de voz, contamos como 1 sílaba poética. Além disso, a contagem é realizada até a última sílaba tônica do verso. (DE NICOLA, 2011)

O quadro 2 apresenta a escansão silábica (divisão das sílabas poéticas) de Arievaldo Viana (2001); a última sílaba tônica do verso está em negrito, na estrofe abaixo identificamos 7 sílabas poéticas, assim como as demais estrofes deste cordel.

Quadro 2 – Exemplo de divisão das sílabas poéticas. Trecho do Cordel: Rodolfo e Leocádia ou A Força do Sangue.

Um/ ci/da/dão/ de/ To/le/do Re/tor/na/va/ com a/ fa/mí/lia De/ um/ pa/sseio/ ves/per/ti/no Por/ uma/ si/nu/o/sa/ tri/lha Com/ a/ mu/lher/, um/ me/ni/no E/ tam/bém/ sua/ lin/da/ fi/lha
--

Fonte: Cordelteca – Acervos Digitais do Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular – Disponível em: http://www.cnfcp.gov.br/interna.php?ID_Materia=54. Acesso em: 26/07/2019.

Os poetas também consideram os termos linhas ou pés para denominar os versos do cordel. Neste trabalho, usamos o termo verso para denominar as linhas do poema, encontrado com frequência na Literatura.

3.4.1 Versos de cinco sílabas poéticas

Nesta modalidade, os versos apresentam cinco sílabas poéticas e estrofes com seis versos. Forma que, posteriormente, deu origem à Sextilha. Um dos precursores desse tipo de produção foi Firmino Teixeira do Amaral, como por exemplo, no folheto "Peleja do Cego Aderaldo com Zé Pretinho" (Quadro 3).

Quadro 3 – Exemplo de Cordel com versos de 5 sílabas. Trechos do Cordel: A peleja do cego Aderaldo com Zé Pretinho.

ZÉ PRETINHO Ce/go, a/go/ra/pu/xa uma Das/ tuas/be/las/ toa/das, Pa/ra/ ver/ se essas/mo/ças Dão algumas gargalhadas Quase todo o povo ri, Só as moças tão caladas!
CEGO ADERALDO Amigo José Pretinho, Eu nem sei o que será De você depois da luta Você vencido já está! Quem a paca cara compra Paca cara pagará!

Fonte: Cordelteca – Acervos Digitais do Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular – Disponível em:

http://acervosdigitais.cnfcp.gov.br/Literatura_de_Cordel_C0001_a_C7176&pesq=pretinho. Acesso em: 26/07/2019.

3.4.2 Sextilha

A Sextilha é um tipo de cordel com estrofes compostas por seis versos de sete sílabas poéticas. As rimas surgem nos versos pares (2,4,6), com esquema rímico ABCBDB; os versos ACD são chamados versos brancos, ou seja, não possuem rimas. Tal modalidade de escrita é uma das mais usadas pelos cordelistas, considerada como uma modalidade rica. Seu uso, por exemplo, é marcado no início de desafios poéticos, nas longas narrativas e nas histórias de época. O início do cordel "O crime da sombra misteriosa", de Manoel Monteiro² (2005) é um exemplo de sextilha (vide Quadro 4).

Quadro 4 – Exemplo de Cordel Sextilha - Trechos do Cordel: O crime da sombra misteriosa.

Pa/ra/ em/ ver/sos/ eu/con/tar	A
Uma/his/tória/ pri/mo/ro/as	B
Que/ dei/xa o/ lei/tor/ per/ple/xo	C
Por ser muito vantajosa	B
Quando se refere Ao Crime	D
Da Sombra Misteriosa	B
N´esta história se retrata	
As cores do sacrifício	
O destino em disparada	
Em busca do precipício	
As glórias e as desventuras	
E os feitos dos artifícios (...)	
Roseno amava Jacira	
Como Deus ama a bondade	
o beija-flor ama o lírio	
o mendigo a caridade	
como a mãe adora o filho	
e o justo a castidade .	

Fonte: Cordelteca – Acervos Digitais do Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular – Disponível:http://acervosdigitais.cnfcp.gov.br/Literatura_de_Cordel. Acesso em: 26/07/2019.

3.4.3 Septilha

Esta forma surgiu pelas mãos do cantador alagoano Manoel Leopoldino de Mendonça Serrador que, no início do século XIX, fez uma adaptação da Sextilha, escrevendo estrofes com sete versos; posteriormente, vários poetas aderiram ao estilo (TEIXEIRA, 2008). Os folhetos nesse tipo de produção

²Importante cordelista brasileiro em atividade.

apresentam as rimas no 2º, 4º e 7º versos; as outras rimas estão no 5º e 6º versos. Desta forma, o esquema rímico é ABCBDDB. O exemplo a seguir é de Rodolfo Coelho Calvacante, no cordel "O que Juscelino fez pelo Nordeste (as belezas de Brasília e as misérias do Nordeste)", escrito em 1960 (VIDE Quadro 5).

Quadro 5 – Exemplo de Cordel Septilha. Trechos do Cordel: O que Juscelino fez pelo Noredeste.

Brasília tornou-se um parque	A
De verdadeira atração	B
Sua vista arquitetônica	C
Do Brasil é o coração	B
É a capital <u>Rainha</u> ,	D
Sendo o Nordeste a <u>Cusinha</u>	D
da Nova e Grande Nação!	B
Brasília é a obra de vulto	
que aos olhos satisfaz	
Traduzindo fielmente	
de Juscelino - o Cartaz! ...	
Mas diga o Brasil <u>inteiro</u> ,	
Que o Nordeste Brasileiro	
Todo ficou pra traz!	

Fonte: Cordelteca – Acervos Digitais do Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular – Disponível:http://acervosdigitais.cnfcp.gov.br/Literatura_de_Cordel. Acesso em: 26/07/2019.

3.4.4 Décima

A Décima também faz parte dos modelos frequentemente usados na poesia popular e tem estrofes com 10 versos de 7 sílabas poéticas. O esquema de rimas ocorre da seguinte forma: o 1º verso rima com o 4º e o 5º; o 2º com o 3º; o 6º e o 7º rima com o 10º; e, finalmente o 8º com o 9º. Desta maneira, o esquema de rimas composto é ABBAACDDC, uma forma clássica de produção. Esse modelo de composição é acompanhado pelo mote, isto é, dois versos que finalizam as estrofes e se repetem nas estrofes seguintes; os demais versos são chamados de glosas. "A peleja da ciência com a sabedoria popular", de Antônio Vieira (2005)³, demonstra esse tipo de construção.

Quadro 6 – Exemplo de Cordel Décima. Trechos do Cordel: A peleja da ciência com a sabedoria popular.

³Antônio Vieira é um poeta cordelista, contador de histórias populares, nascido em Santo Amaro da Purificação (BA), em 19/02/1949.

Os poemas trazidos da Europa	A
Encontraram guarida no <u>Nordeste</u>	<u>B</u>
E o sertão terra de cabra da <u>peste</u>	<u>B</u>
Deu a eles uma grande nota	A
Sua vida repleta de revolta	A
Por não mais suportar tal <u>engodo</u>	<u>C</u>
De políticos maus, filhos do <u>lodo</u>	<u>C</u>
A fazerem fuxicos e <u>maldades</u>	<u>D</u>
Os nomes dos poetas <u>populares</u>	<u>D</u>
Deveriam estar na boca do <u>povo</u> .	<u>C</u>

Os livros vieram para cá
 O Lunário e a Missão Abreviada
 A Donzela Teodora e a Fábula
 Obrigaram o sertão a estudar
 De repente começaram a rimar
 A criar um sistema todo novo
 O diabo deixou de ser um estorvo
 E o boi assumiu outros lugares.
 Os nomes dos poetas populares
 Deveriam estar na boca do povo. (...)

Fonte: Cordelteca – Acervos Digitais do Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular – Disponível: http://acervosdigitais.cnfcp.gov.br/Literatura_de_Cordel. Acesso em: 26/07/2019.

3.4.5 Martelo Agalopado

O Martelo é um estilo de escrita em cordel criado pelo francês Jaime Pedro Martelo, no século XVII, no qual as estrofes eram organizadas em 10 versos, com rimas alternadas e sem tamanho fixo para os versos. Posteriormente, Silvino Piruá de Lima, violeiro paraibano, adaptou essa forma de composição, nomeando-a como Martelo Agalopado. O artista preservou os 10 versos em cada estrofe, seguindo o esquema rímico em ABBAACCDDC, ou seja, as rimas encontram-se nos versos 1-4-5, 2-3, 6-7-10, 8-9. É um tipo de produção que costuma aparecer nas pelejas, nos duelos (TEIXEIRA, 2008).

A diferença entre o Martelo Agalopado da Décima é a acentuação obrigatória na terceira, sexta e décima sílabas poéticas, a preocupação com as sílabas tônicas determinam esse tipo de cordel.

O cordel "Martelo Agalopado" (1977), de João de Lima, é um dos exemplos desse tipo de composição. Nesse folheto, o autor tem como tema as plantas medicinais e as explica por meio dessa técnica:

Quadro 7 – Exemplo de Cordel Martelo Agalopado. Trechos do Cordel: Martelo agalopado.

Eucalipto é anti-febril	A
Desinfeta as vias respiratórias	B
Fel da terra tem dado muitas glórias	B
Combatendo hepatite no <u>Brasil</u>	C
Fredegoso já curou mais de <u>mil</u>	C
Contra paludismo, <u>hidropsia</u>	D
Espinheiro tem grande <u>serventia</u>	D
É anti-espasmódico e <u>sedativo</u>	E
Japecanga é bom <u>depurativo</u>	E
Indicado na <u>reumatologia</u> .	D

Fonte: Cordelteca – Acervos Digitais do Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular Disponível:

http://acervosdigitais.cnfcp.gov.br/Literatura_de_Cordel_C0001_a_C7176&pesq=febril.

Acesso em: 26/07/2019.

Destacamos que as formas de composição citadas nesta pesquisa são as mais encontradas nas produções em cordel. Os poetas mencionados são apenas alguns dentre os inúmeros cordelistas e repentistas que dedicaram, e ainda dedicam, sua vida a essa arte.

3.5 Peleja em Cordel

A peleja é uma das modalidades do cordel, definida como uma disputa, por meio dos versos, entre os cordelistas. Durante a disputa verbal, um cordelista compõe uma estrofe e um outro deve construir a sua estrofe confrontando as ideias do primeiro; nesse embate eles podem abordar vários temas. Medeiros (2004) define peleja como:

As cantorias e pelejas constituem um conjunto, por sua especialidade, nos folhetos de cordel. A peleja às vezes chamada desafio, é um aspecto da cantoria, isto é, quando dois cantadores se encontram e vão revelar, então, seus conhecimentos através de sextilhas, martelos, décimas, martelos agalopados, gemedeira, etc. estes são os chamados gêneros ou “regras” da cantoria (MEDEIROS, 2004, p. 317)

Medeiros (2004) relata que as pelejas traduzem a criatividade dos cordelistas e, certamente, a imaginação é materializada verbalmente durante a disputa.

3.6 Xilogravura

A xilogravura (vide Figura 2) é uma técnica de impressão em relevo, criada na Idade Média com o objetivo de gravar as imagens de santos em folhetos que continham as orações (MENDONÇA; SANTOS; IOTTI, 2014).

Mendonça, Santos e Iotti (2014) definem a xilogravura como um processo mecânico, uma vez que as imagens são talhadas em uma placa de madeira. Posteriormente, a placa de madeira (também chamada de matriz) é pintada com tinta preta e carimbada no papel. Essa forma de ilustração é frequentemente aplicada na Literatura de cordel.

Figura 2 - Exemplo de Xilogravura



Fonte: <https://followthecolours.com.br/art-attack/xilogravura-nordestina/> consultado em 26 de julho de 2019

A xilogravura e o cordel trouxeram muitos nomes importantes para a nossa história, entre eles, José Francisco Borjes, apelidado J. Borges, reconhecido por seu trabalho como cordelista e xilogravurista em todo mundo. Nascido em Bezerros, Pernambuco, em 1935, tornou-se cordelista e publicou seu primeiro título "O encontro de dois vaqueiros no sertão de Petrolina", com xilogravura de Mestre Dila; título que vendeu mais de cinco mil exemplares. A partir do segundo trabalho, "O verdadeiro aviso de Frei Damião sobre os castigos que vêm", além de escrever o texto, começou também a praticar a xilogravura de seus cordéis, por não ter como pagar por essa arte; assim, nasceu o conceituado xilogravurista. Passou também a

fazer matrizes de xilogravura por encomenda e ilustrar os próprios cordéis (BORGES, 2002).

J. Borges (2002) teve como incentivador o escritor Ariano Suassuna, que conheceu seu trabalho por meio dos pintores cariocas Ivan Marqueti e José Maria de Souza. Os pintores visitaram Bezerras em 1972 e descobriram o poeta e xilogravurista. Por intermédio desses artistas, as matrizes em xilogravura de J. Borges e a forma como ele aplicava a técnica tornaram-se conhecidas em vários países como França, Alemanha, Suíça, Itália, Venezuela e Cuba.

Assim como J. Borges, existem outros artistas plásticos, alguns anônimos, que trabalham com essa técnica, ilustrando os cordéis e vivendo dessa arte.

4 FORMAÇÃO INICIAL DE PROFESSORES

Há tempos percebemos a preocupação com a formação inicial de professores que atuarão na Educação Básica no país, a preparação para a docência ainda encontra pontos frágeis. Alguns autores que abordam a temática da formação inicial indicam que a legislação, as políticas públicas e as diretrizes curriculares, embora haja esforços, ainda não conseguem estabelecer unidade e enfrentam impasses.

Quando o professor está diante do contexto escolar, tem contato com elementos próprios desta prática, como alunos, pais, relações com seus companheiros de trabalho, conteúdo a ser ministrado, horários, documentos a serem preenchidos e todos esses elementos juntos tem interferência direta no desempenho do professor. Quando a formação inicial não permite acesso antecipado às questões que envolvem o contexto escolar, o profissional chega à escola, provavelmente, conhecendo mais a respeito do conteúdo específico de sua matéria do que de seu ofício, ou seja, tendo pouco conhecimento do que a prática docente exigirá dele. Diante disso, estudos têm apontado que há fragilidades na formação inicial de professores. Para Libâneo, a dissociação entre conhecimento disciplinar e conhecimento pedagógico ainda é "um dos problemas mais persistentes na organização dos currículos para formação profissional de professores" (LIBÂNEO, 2015, p. 2).

Os cursos de formação inicial para professores (cursos de licenciatura, cursos de formação pedagógica para graduados e cursos de segunda licenciatura) seguem as orientações das Diretrizes Curriculares Nacionais para a formação inicial em nível superior e para a formação continuada - resolução CNE/CP nº 2, de 1 de julho de 2015⁴.

Os primeiros quatro artigos dessa Resolução contemplam os princípios, os fundamentos, o processo formativo e os procedimentos a serem observados pela gestão e pelos programas de cursos de formação de professores, e

⁴ A resolução CNE/CP nº 2, de 1 de julho de 2015 foi atualizada pela Resolução cne/cp nº 2, de 20 de dezembro de 2019 que define as diretrizes curriculares nacionais para a formação inicial de professores para a educação básica e institui a base nacional comum para a formação inicial de professores da educação básica (BNCC-Formação) - fonte: <http://portal.mec.gov.br/pet/323-secretarias-112877938/orgaos-vinculados-82187207/12861-formacao-superior-para-a-docencia-na-educacao-basica>.

indicam caminhos para o planejamento e o processo de avaliação. O Art.1º, em seu parágrafo 2º afirma que

As instituições de ensino superior devem conceber a formação inicial e continuada dos profissionais do magistério da educação básica na perspectiva do atendimento às políticas públicas de educação, às Diretrizes Curriculares Nacionais, ao padrão de qualidade e ao Sistema Nacional de Avaliação da Educação Superior (SINAES), manifestando organicidade entre o seu Plano de Desenvolvimento Institucional (PDI), seu Projeto Pedagógico Institucional (PPI) e seu Projeto Pedagógico de Curso (PPC) como expressão de uma política articulada à educação básica, suas políticas e diretrizes.

O Art. 2º define-se a docência como:

[...] ação educativa e como processo pedagógico intencional e metódico, envolvendo conhecimentos específicos, interdisciplinares e pedagógicos, conceitos, princípios e objetivos da formação que se desenvolvem na construção e apropriação dos valores éticos, linguísticos, estéticos e políticos do conhecimento inerentes à sólida formação científica e cultural do ensinar/aprender, à socialização e construção de conhecimentos e sua inovação, em diálogo constante entre diferentes visões de mundo.

Já o Art.3º determina o destino tanto da formação inicial como da continuada.

Art. 3º A formação inicial e a formação continuada destinam-se, respectivamente, à preparação e ao desenvolvimento de profissionais para funções de magistério na educação básica em suas etapas – educação infantil, ensino fundamental, ensino médio – e modalidades – educação de jovens e adultos, educação especial, educação profissional e técnica de nível médio, educação escolar indígena, educação do campo, educação escolar quilombola e educação a distância – a partir de compreensão ampla e contextualizada de educação e educação escolar, visando assegurar a produção e difusão de conhecimentos de determinada área e a participação na elaboração e implementação do projeto político-pedagógico da instituição, na perspectiva de garantir, com qualidade, os 4 direitos e objetivos de aprendizagem e o seu desenvolvimento, a gestão democrática e a avaliação.

Ainda a respeito do artigo 3º § 6º tem-se que é importante a articulação entre a instituição de educação superior e o sistema de educação básica de forma que contemple:

I- sólida formação teórica e interdisciplinar dos profissionais;

II - a inserção dos estudantes de licenciatura nas instituições de educação básica da rede pública de ensino, espaço privilegiado da práxis docente;

III - o contexto educacional da região onde será desenvolvido;

IV - as atividades de socialização e a avaliação de seus impactos

Língua Portuguesa e da capacidade comunicativa, oral e escrita, como elementos fundamentais da formação dos professores, e da aprendizagem da Língua Brasileira de Sinais (Libras);

VI - as questões socioambientais, éticas, estéticas e relativas à diversidade étnico-racial.

Como identificamos, o texto da Resolução traz termos muito importantes quando discutimos a formação inicial: "atendimento às políticas públicas", "processo", "manejo", "compreensão ampla e contextualizada", "educação contextualizada", "articulação entre teoria e prática", "sólida base teórica e interdisciplinar". Esses termos são carregados de significados para aqueles que atuarão em sala de aula e que precisam dominar tantos pontos diferentes no desempenho da sua profissão. Logo, tornar-se professor é um processo complexo. Sair de um curso de licenciatura e deparar-se com o cotidiano escolar significa encontrar desafios diários.

Há que se considerar o que a lei indica, muitas vezes, é contraditório ao que se observa na prática, isto porque a qualificação dos futuros professores não corresponde ao que a lei determina.

Em relação ao que as DCN apresentam para a formação inicial, Honório *et al.* (2017) afirmam

[...] cabe às instituições formadoras de professores durante o processo de formação inicial, garantir a reflexão crítica, a investigação e a unidade teoria/prática, favorecendo elementos básicos para formar um docente questionador, investigador, reflexivo e crítico, para que com essa formação, o professor problematize criticamente a realidade em que atua, adote uma postura ativa no cotidiano da escola e torne-se um profissional capaz de desenvolver um trabalho comprometido em sua atuação profissional (HONÓRIO *et al.*, 2017, p.1748)

Após anos de discussão e busca para a melhoria da qualidade social da formação de professores, ainda existem questões sem respostas. Libâneo (2015)

elencas algumas delas, como por exemplo: por que ainda existe dissociação e paralelismo entre conhecimentos disciplinares e conhecimentos pedagógicos? O que fazer para diminuir a falta de domínio de conhecimentos específicos por parte dos pedagogos e a falta de domínio de conhecimentos pedagógico-didáticos por parte de professores de conhecimentos específicos? Essas são apenas duas das várias questões citadas pelo autor que considera que as respostas estejam intimamente ligadas aos aspectos políticos, sociológicos, socioculturais. Entretanto, não deve ser desconsiderado que "as relações entre a formação profissional de professores e a didática são diretas e complementares" (LIBÂNEO, 2015, p. 4).

Este capítulo apresentou alguns aspectos relacionados a formação inicial de professores para a educação básica no que diz respeito a legislação vigente e as discussões acerca do tema. Ressaltamos que a proposta deste trabalho é o desenvolvimento e aplicação de uma SD que une a Literatura de Cordel e Educação Ambiental em um curso de Licenciatura em Ciências Biológicas. Os estudantes que participaram da aplicação da SD encontravam-se em formação inicial, fato este que justifica a inserção deste capítulo na fundamentação teórica da pesquisa.

5 SEQUÊNCIA DIDÁTICA

Alguns profissionais da área de ensino confundem sequência didática com plano de aula. Lima (2013) cita que esse tipo de confusão ocorre porque tanto a sequência didática quanto o plano de aula possuem o mesmo objetivo: promover o ensino de um determinado tema.

Para definir a expressão sequência didática (SD), vamos partir da definição da palavra “sequência”. De acordo com Lima (2013), o termo sequência possui como significado “ação de seguir”, as sequências didáticas caracterizam-se em “etapas contínuas” ou “conjuntos de atividades a serem executadas”, para o ensino de um determinado conteúdo.

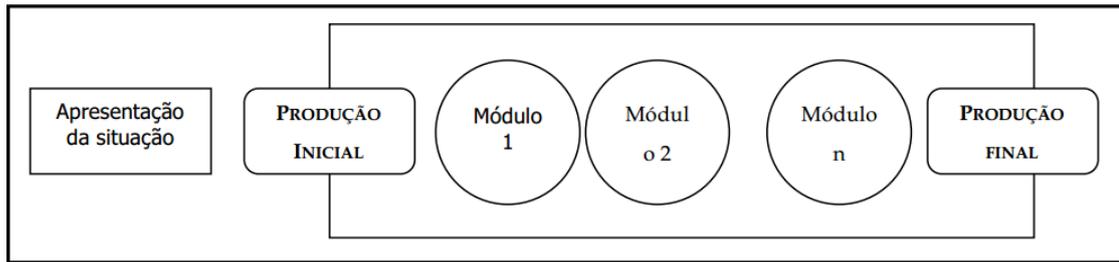
O autor ainda destaca que a SD é utilizada na Educação Infantil com o objetivo de definir um conjunto de atividades encadeadas e auxiliar nos processos de ensino e aprendizagem de um determinado conteúdo.

É importante que a SD seja planejada para atingir um objetivo específico de aprendizagem. O objetivo proposto para uma referida sequência deve atender às necessidades dos estudantes. O processo de aprendizado pode ocorrer quando o docente cria uma estratégia composta de um conjunto de passos (ou atividades bem definidas) que visam apresentar um conteúdo específico de forma clara, concisa e consistente. Assim, a SD tem como foco a organização e orientação dos processos de ensino e aprendizagem.

Para Lima (2013), durante o processo de execução da SD, o docente apresenta o conteúdo a ser desenvolvido e, por meio de um conjunto de atividades bem definidas, coloca em prática estratégias que viabilizem o aprendizado do estudante.

Existem várias linhas de pesquisa que trabalham com a proposta de SD, esta pesquisa utiliza como base teórica os passos de Dolz e Schneuwly que desenvolveram uma proposta de SD, tendo como tema central os gêneros textuais. Os autores definem SD "como um conjunto de atividades escolares organizadas de maneira sistemática, em torno de um gênero textual oral ou escrito" (DOLZ; SCHNEUWLY, 2004, p. 97). Os autores consideram também que a SD tem como objetivo trabalhar um conjunto de conhecimentos não dominados ou dominados parcialmente pelos estudantes, com objetivo de desenvolver capacidades de linguagem.

Figura 3 - Esquema de Sequência Didática



Fonte: Dolz e Schneuwly (2004, p.98)

Segundo Dolz e Schneuwly (2004) uma sequência é dividida em três etapas: apresentação da situação, produção inicial e produção final; entre a produção inicial e a final existem os módulos - Vide Figura 3.

A apresentação é o momento inicial e delicado da SD, destinado à expor aos estudantes o trabalho que será realizado. Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004, p. 98) relatam que a apresentação da situação é "momento em que a turma constrói uma representação da situação de comunicação e da atividade de linguagem a ser executada". O projeto de produção textual deve ser apresentado de forma clara, explícita, para que os estudantes entendam a situação de comunicação na qual estarão envolvidos e todo o processo seguido na SD (DOLZ; NOVERRAZ; SCHNEUWLY, 2004).

Em seguida, o próximo momento é a primeira produção, na qual os estudantes elaboram, de acordo com suas habilidades, um primeiro texto oral ou escrito relativo à proposta da SD. A primeira produção permite que o professor identifique as capacidades que os estudantes já dispõem. Para que essa produção seja eficaz, o docente deve ter realizado uma apresentação do projeto de trabalho de forma clara, deixando bem definida a situação de comunicação que deverá ser produzida pelos estudantes (DOLZ; NOVERRAZ; SCHNEUWLY, 2004).

O docente avalia o conjunto de capacidades dos estudantes, imersos na produção inicial, com o objetivo de ajustar as atividades que caracterizarão a SD. A produção inicial pode ou não motivar os estudantes, o *feedback* do docente, acerca do que foi produzido pelos estudantes, é importante nesse atividade e conduz a SD para a avaliação formativa (DOLZ; NOVERRAZ; SCHNEUWLY, 2004).

Durante os módulos, o docente realizará atividades que possam

levar os estudantes a desenvolver as capacidades necessárias para o domínio do gênero, trabalhar as dificuldades apontadas na produção inicial e oferecer elementos que auxiliem na escrita da produção final.

Assim, de acordo com o que foi apresentado, discutido na SD, esses passos encaminham para a produção final de um texto oral ou escrito que encerram a sequência.

Para o desenvolvimento da SD, o docente pode utilizar diversas estratégias de ensino, entre elas: discussão coletiva, apresentação de vídeos, desenvolvimento de aulas expositivas, utilização de dinâmicas e jogos (DOLZ; NOVERRAZ; SCHNEUWLY, 2004). Entretanto, não existe um conjunto de regras para compor ou definir uma sequência, fato que caracteriza o seu aspecto de flexibilidade.

A utilização de uma SD deve possibilitar ao estudante realizar um processo de reflexão do ensino proposto, o conhecimento deve ser internalizado e não ser somente caracterizado no momento da avaliação.

A compreensão do valor e as razões que justificam a composição de uma sequência didática devem proporcionar relações entre o estudante e o objetivo do conhecimento, visando sempre buscar as necessidades eminentes dos alunos, bem como a interação professor-aluno.

A SD deve contribuir com a consolidação de um conhecimento específico a partir do mapeamento dos conhecimentos que os estudantes têm a respeito de um determinado conteúdo. Além disso, é importante que possibilite ao estudante refletir acerca de seu aprendizado. Desta forma, a SD também permite o processo de avaliação formativa, para isso é necessário que as produções sejam feitas a partir de critérios bem definidos e delimitados em conjunto com os estudantes.

Segundo Villas Boas (2001), a reflexão do ensino pode ser feita por meio de uma avaliação formativa. Este tipo de avaliação pode transpor o *feedback* professor-estudante para a autoavaliação do estudante. Alguns componentes da avaliação formativa merecem uma atenção especial nos cursos de licenciaturas: avaliação informal, avaliação por pares e a autoavaliação. O primeiro considera dados revaladores sobre a internalização do conhecimento. O segundo coleciona todas as atividades desenvolvidas pelos docentes e seus estudantes, com o objetivo de gerar informações a serem usadas como *feedback* para o replanejamento do

trabalho pedagógico. O terceiro possibilita um processo de reflexão do estudante, a partir das informações geradas no primeiro e no segundo componente da avaliação formativa.

A compreensão do valor e as razões que justificam a composição de uma SD devem proporcionar relações entre o estudante e o objeto do conhecimento, visando sempre buscar as necessidades eminentes dos alunos, bem como a interação professor-aluno.

6 ENCAMINHAMENTOS METODOLÓGICOS

Este capítulo tem como propósito apresentar os procedimentos metodológicos seguidos na execução desta pesquisa, apontando quais as estratégias usadas em cada passo desse percurso. As etapas foram divididas em: revisão sistemática, levantamento bibliográfico, fundamentação teórica, desenvolvimento do produto educacional e análise dos resultados.

Optamos pela pesquisa qualitativa, tendo como base teórica os conceitos apresentados por Flick (2009). Segundo o autor, “[...] a pesquisa qualitativa dirige-se à análise de casos concretos em suas particularidades locais e temporais, partindo das expressões e atividades das pessoas em seus contextos locais” (FLICK, 2009, p. 37). A pesquisa qualitativa permite a descrição detalhada do processo, bem como a interpretação da complexidade e da diversidade de informações encontradas nos dados coletados.

A pesquisa qualitativa busca definir o fenômeno estudado de forma detalhada, ressaltando seus pormenores e o significado é um aspecto importante nessa abordagem de pesquisa. Para Flick (2009, p. 23), a pesquisa qualitativa possuiu elementos fundamentais: “[...] a apropriabilidade de métodos e teorias, perspectivas dos participantes e sua diversidade, reflexividade do pesquisador e da pesquisa, variedade de abordagens e de métodos”.

Na pesquisa qualitativa, é possível identificar as diversas perspectivas apontadas pelos participantes, e diante disso, relacionar as percepções dos sujeitos e seus significados. A interação entre o pesquisador e o campo de pesquisa é uma ação valorizada na pesquisa qualitativa, pois interpretação interfere na investigação (FLICK, 2009).

O primeiro passo dos procedimentos metodológicos foi a Revisão Sistemática da Literatura. Segundo Atallah (1998), a revisão sistemática caracteriza-se como pesquisa secundária, com o foco de coleccionar estudos que possuem alguma semelhança dentro de um contexto definido pelo pesquisador. Durante a revisão sistemática, o pesquisador realiza uma análise quantitativa do conjunto de trabalhos selecionados com o objetivo de buscar as semelhança entre eles e o seu tema de pesquisa. Após identificar os estudos primários semelhantes, é necessário estabelecer critérios para incorporar ou não os trabalhos selecionados na

fundamentação teórica da pesquisa (o fator de impacto dos periódicos pode ser um exemplo desse critério de seleção).

Os trabalhos selecionados na revisão sistemática da literatura podem ser artigos científicos, teses, dissertações ou trabalhos de conclusões de curso, proporcionando ao pesquisador o aprendizado constante. Esse procedimento também direciona o pesquisador nas análises de trabalhos que possuem semelhanças com o seu tema de pesquisa, auxiliando e orientando-o em investigações futuras (KITCHENHAM, 2004).

Kitchenham (2004) direciona alguns passos para a execução da revisão sistemática: definição da pergunta, busca de evidências, seleção dos estudos acerca do tema determinado e análise da qualidade dos estudos. Para definição da pergunta norteadora dessa revisão, partimos do objetivo dessa pesquisa: desenvolver e aplicar uma sequência diática integrando Literatura de Cordel e EA. Considerando o fato de que esta pesquisa ocorreu no Programa de Pós-Graduação em Ensino - Mestrado Profissional em Ensino (PPGEN), estabelecemos a pergunta norteadora da revisão sistemática da literatura: quais são os trabalhos publicados em periódicos da Área de Ensino que apresentam como tema a Literatura de Cordel?

Para Kitchenham (2004), a busca de evidências passa pela identificação das bases de dados e pela configuração das palavras-chaves para realização da pesquisa. Desta forma, utilizamos a base dados dos periódicos A1 e A2, *on-line*⁵, levando em conta o fator de impacto desses periódicos. Optamos por realizar a busca por trabalhos na Plataforma Sucupira Qualis-Periódicos, com classificação A1 e A2, na área de Ensino (entendemos que as revistas com maior fator de impacto estejam classificadas nesses extratos). Considerando que o tema da pesquisa é específico da cultura brasileira, os termos usados para pesquisa na plataforma "**literatura de cordel**" e "**cordel**", entretanto, o segundo termo não alterava os resultados da busca, visto que um está intimamente associado ao outro. As buscas ocorreram por trabalhos em Língua Portuguesa, pois a Literatura de Cordel é uma forma de expressão própria dos poetas brasileiros, desta forma, não realizamos a busca em língua estrangeira. O período analisado foi de 2008 a julho de 2018.

⁵<https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/veiculoPublicacaoQualis/listaConsultaGeralPeriodicos.jsf>

Kitchenham (2004) norteia a seleção dos estudos realizados em uma revisão sistemática por meio da criação de critérios de inclusão ou exclusão. Esses critérios devem estar ligados à pergunta norteadora da busca por trabalhos correlacionados. Diante disso, definimos como critério de inclusão: os artigos que concebiam a Literatura de Cordel como instrumento de ensino.

Definido os critérios, realizamos a busca na base de dados selecionada e detectamos 17.611 artigos (7.678 - artigos com qualis A1; 9.933 artigos A2). Posteriormente, ao aplicar o critério de inclusão, foi revelado um conjunto de 7 trabalhos.

Por fim, é importante destacar que dos 7 artigos selecionados nenhum deles apresentavam o cordel no ensino de EA. Todos utilizavam o cordel como instrumento de leitura, no contexto de ensino. Considerando que entre os objetivos da SD proposta, estava a produção de cordéis, e não apenas a leitura, optamos por não inserir os 7 artigos selecionados no corpo dissertativo desta pesquisa.

6.1 Fundamentação teórica

Segundo Marconi e Lakatos, a finalidade do levantamento bibliográfico é

[...] colocar o pesquisador em contato direto com tudo o que foi escrito, dito ou filmado sobre determinado assunto, inclusive conferências seguidas de debates que tenham sido transcritos por alguma forma, quer publicadas, quer gravadas. (MARCONI; LAKATOS, p. 183)

Fundamentação esta que permitiu considerar os conhecimentos existentes a respeito de Literatura de Cordel e o ensino de EA. Estas pesquisas realizadas no campo teórico, subsidiaram a idealização e elaboração de um produto educacional que viabilizou a aplicação da Literatura de Cordel no ensino de EA.

6.2 Elaboração da Sequência Didática

Após a fundamentação teórica, desenvolvemos como produto educacional uma SD integrando Literatura de Cordel ao ensino de Educação Ambiental, no curso de Ciências Biológicas de uma universidade pública estadual, com integralização curricular de 5 anos. Embora a EA seja conceituada como um processo participativo e dinâmico (MARCATTO, 2002), nessa universidade a EA também é uma disciplina do componente curricular.

A SD, proposta nesta pesquisa, passou pela análise intersubjetiva de 4 docentes de uma instituição de ensino superior pública, para que avaliassem a pertinência e os passos adotados na organização da SD. Os professores seguiram um roteiro, proposto pela autora, para a execução da referida análise (vide Quadro 8).

Quadro 8 – Roteiro para avaliação intersubjetiva realizada pelos Docentes

<p>1 - Considera o tema escolhido para compor a sequência didática como: _____</p> <p>2 - O gênero Literatura de Cordel e o conteúdo de Educação Ambiental são abordados de forma: _____</p> <p>3 - O número de 6 encontros com 2 horas/aula é: _____</p> <p>4 - Considerando que os participantes de pesquisa serão alunos do terceiro ano de licenciatura em Ciências Biológicas, as estratégias são: _____</p> <p>5 - A escolha das modalidades didáticas (leitura de cordéis, apresentação vídeos sobre o educação ambiental, debate, produção de cordéis) para auxiliar na construção dos conhecimentos dos estudantes é: _____</p> <p>6 - A organização da sequência (atividades a serem desenvolvidas) está: _____</p> <p>7- Há críticas ou sugestões que gostaria de fazer a respeito da sequência didática proposta?</p>
<p>Todos tópicos apontados pelo roteiro possuíam 3 alternativas para respota: Inadequada, Parcialmente Adequada e Adequada, exceto a questão 7</p>
<p>Em todos os tópicos apontados pelo roteiro, os docentes poderiam realizar apontamentos para melhoria da sequência.</p>

Fonte: a autora

Dos quatro docentes, três enviaram o roteiro respondido e consideraram os seis itens como adequados.

Para a aplicação da SD, obtivemos a autorização da Instituição de Ensino Superior (vide Anexo B) e aprovação do docente da disciplina de EA, validado pelo Termo de Consentimento Livre e Esclarecido Docente (vide Anexo A) por ele assinado.

Em seguida, aplicamos a SD na turma determinada, composta por

27 estudantes, do terceiro ano do curso de Licenciatura em Ciências Biológicas de uma universidade pública da esfera estadual do Paraná.

Os estudantes foram caracterizados como participantes da pesquisa, após a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido do Estudante (vide Anexo C).

Todos os termos assinados foram fornecidos pelos pesquisadores mediante esclarecimento completo e pormenorizado a respeito da natureza da pesquisa, objetivos, metodologia adotada, benefícios previstos, potenciais riscos e incômodos que a pesquisa poderia acarretar aos participantes de pesquisa. Por fim, é importante ressaltar que a proposta de aplicação da SD foi cadastrada na Plataforma Brasil e aprovada pelo Comitê de Ética e Pesquisa da Universidade Estadual do Norte do Paraná (UENP).

Organizamos a SD em 8 encontros, apresentados no Quadro 9. A versão detalhada dos procedimentos realizados durante a SD pode ser encontrada na Produção Técnica Educacional, parte integrante desta pesquisa.

Quadro 9- Proposta da SD

ENCONTRO	AULAS (h/a)	OBJETIVOS (ao aluno)	ATIVIDADES
1º Encontro: Apresentação do Projeto de Trabalho	1 (h/a)	<ul style="list-style-type: none"> - Conhecer a proposta de trabalho unindo Educação Ambiental e Literatura de Cordel. - Responder ao questionário diagnóstico. 	<ol style="list-style-type: none"> 1. Apresentação ao estudantes da proposta de trabalho. 2. Preenchimento do termo de consentimento livre e esclarecido. 3. Aplicação de um questionário diagnóstico para observação das expectativas dos estudantes, bem como seus conhecimentos prévios acerca do projeto.
2º Encontro: A Literatura de Cordel e suas características principais	2 (h/a)	<ul style="list-style-type: none"> - Ler os primeiros cordéis da sequência didática. - Identificar as características formais da Literatura de Cordel. 	<ol style="list-style-type: none"> 1. Apresentação, por meio de uma plataforma de compartilhamento de vídeos, de um cordelista contemporâneo, presente nas redes sociais. 2. Leitura de um trecho da obra <i>Amor, História e Luta</i>, de Márcia Abreu. 3. Apresentação de slides a respeito das características formais da Literatura de Cordel. 4. Leitura de cordéis.
3º Encontro: Leitura de cordéis Primeira produção	2 (h/a)	<ul style="list-style-type: none"> - Ler, interpretar, discutir os efeitos de sentido provocados pelos cordéis. - Analisar a estrutura dos cordéis. - Produzir as primeiras estrofes em cordel. - Estabelecer os critérios necessários para avaliação dos cordéis. 	<ol style="list-style-type: none"> 1. Relato dos estudantes a respeito dos cordéis lidos extraclasse. 2. Análise do cordel lido previamente, atentando sentido e ao aspecto formal do gênero. 3. Leitura e interpretação de um cordel, identificando também as rimas (atividade em duplas). 4. Produção, em duplas, das primeiras estrofes em cordel. Os elementos discutidos na aula de Educação Ambiental serviram como tem para produção das estrofes. 5. Discussão e seleção dos critérios para avaliação das estrofes escritas em duplas.

4º Encontro: Avaliação por pares Atividade de reescrita	1 (h/a)	<ul style="list-style-type: none"> - Avaliar, por meio da Avaliação por pares, o cordel produzido em duplas. - Identificar os apontamentos feitos acerca do cordel escrito. - Proceder, se necessário, a reescrita das estrofes produzidas no encontro anterior. 	<ol style="list-style-type: none"> 1. Avaliação por pares dos cordéis escritos em duplas. 2. Leitura das avaliações feitas entre os integrantes da turma. 3. Reescrita do texto, em duplas.
5º Encontro: Iniciando o tema Aquecimento Global	1 (h/a)	<ul style="list-style-type: none"> - Explorar os pontos convergentes e divergentes acerca do Aquecimento Global. 	<ol style="list-style-type: none"> 1. Apresentação de vídeos relativos a duas linhas de pesquisa ligadas ao Aquecimento Global. 2. Divisão da turma em dois grupos para debate no próximo encontro.
6º Encontro: Debate Início da Peleja - Produção Intermediária	2(h/a)	<ul style="list-style-type: none"> - Discutir a respeito dos pontos favoráveis e desfavoráveis em relação à existência do Aquecimento Global. - Produzir coletivamente uma peleja no quadro negro. 	<ol style="list-style-type: none"> 1. Debate entre os dois grupos formados na turma. Um grupo defendendo a existência do fenômeno Aquecimento Global e o outro indicando que o fenômeno não existe. 2. Produção de uma peleja entre os dois grupos. Peleja esta registrada no quadro-negro, com a mediação do professor.
7º Encontro: Retomada da Peleja	2 (h/a)	<ul style="list-style-type: none"> - Finalizar a Peleja iniciada no encontro anterior. - Revisar alguns temas relativos à disciplina de Educação Ambiental. - Escrever um cordel individual. 	<ol style="list-style-type: none"> 1. Conclusão da escrita da Peleja iniciada no 6º encontro. 2. Revisão de alguns temas discutidos na disciplina de Educação Ambiental. 3. Explicação da proposta de produção de um cordel individual tendo como tema a Educação Ambiental (produção final).
8º Encontro: O cordel final Técnica da Isogravura	2 (h/a)	<ul style="list-style-type: none"> - Entregar o cordel produzido individualmente. - Aplicar a técnica da isogravura na ilustração da capa do cordel. 	<ol style="list-style-type: none"> 1. Entrega do cordel produzido como tarefa extra-classe. 2. Realização da atividade de ilustração da capa do cordel por meio da técnica da isogravura.

Fonte: a autora

6.3 Coleta e análise dos dados

Ao optar pela pesquisa qualitativa é necessário a escolha de um tipo de análise para interpretar os dados, assim, utilizamos como base teórica a Análise Textual Discursiva (ATD). A ATD é um processo de interpretação dos dados que segue passos específicos a fim de apresentar os resultados da análise de forma clara e objetiva aos leitores. O referencial teórico no qual este estudo foi baseado em Moraes e Galiazzi (2016, p. 111) os quais destacam que "[...] a análise textual discursiva é um mergulho em processos discursivos visando atingir compreensões reconstruídas dos discursos [...]".

O processo de ATD utiliza as amostras de discursos dos participantes de pesquisa e podem ser: entrevistas, questionários, registros de observações, depoimentos de participantes, gravações, discussões em grupos, atividades escritas, entre outros. Esses elementos são chamados pelos autores de "corpus" e representam as várias vozes que surgem dos participantes de pesquisa. Diante desse "corpus", cabe ao pesquisador compreender, desconstruir, interpretar e reconstruir as informações identificadas nos discursos (MORAES; GALIAZZI, 2016).

O pesquisador deve se posicionar diante do material de análise sempre com o olhar voltado para a hipótese levantada em seu trabalho e para seus objetivos, tanto geral quanto específicos. Desta forma, o pesquisador conseguirá efetuar os passos da ATD que apresentam ordem linear, com intuito de que o processo de interpretação dados faça sentido. Como ordem dos procedimentos temos: unitarização, categorização e construção do metatexto. Moraes e Galiazzi (2016) afirmam que

[...] análises textuais discursivas conjugam análise e síntese. Na primeira, fragmentam-se os textos. Na síntese, os elementos semelhantes são reintegrados em categorias, apresentando-se, a partir delas, novos textos, que reúnem aspectos essenciais dos materiais de análise investigados (MORAES; GALIAZZI, 2016, p. 121).

De acordo com os autores, a unitarização é o momento em que há a desmontagem dos textos, etapa na qual são estabelecidas as unidades de análise, diante da leitura e observação dos dados coletados. Em seguida, o próximo passo é a categorização, isto é, o momento em que se detecta a relação entre as

unidades e se estabelece as categorias que as unem ou separam. A terceira etapa é a construção do metatexto, fase em que o pesquisador deve explicitar sua interpretação dos dados por meio de um novo texto.

Os documentos escritos constituem o *corpus* da ATD, por meio dos quais o pesquisador fará a desconstrução, a reconstrução "[...] de um conjunto de materiais linguísticos e discursivos, produzindo-se a partir disso novos entendimentos sobre os fenômenos e discursos investigados" (MORAES; GALIAZZI, 2016, p.135).

Para que fosse possível a realização desse tipo de análise, os dados desta pesquisa foram obtidos a partir de aplicação de uma SD aos estudantes do terceiro ano de Ciências Biológicas (com duração de 5 anos) de uma universidade pública. A turma era composta por 27 estudantes, sendo 18 do sexo feminino e 9 do sexo masculino. Realizamos oito encontros, durante a aplicação da SD e, ao final do último encontro, os estudantes responderam a um questionário final, o qual tornou-se o *corpus* para análise dos dados, considerando o objetivo da pesquisa.

A escolha pelo questionário como instrumento de coleta de dados teve como subsídio teórico Gil (2008), o autor considera que o uso de questionários em pesquisas é uma técnica de investigação

[...] composta por um conjunto de questões que são submetidas a pessoas com o propósito de obter informações sobre conhecimentos, crenças, sentimentos, valores, interesses, expectativas, aspirações, temores, comportamento presente ou passado, etc. (GIL, 2008, p.121)

O referido questionário com 10 questões abertas foi concebido pela autora desta pesquisa e analisado de forma intersubjetiva por um docente permanente do Programa de Pós-graduação em Ensino, da Universidade do Norte do Paraná (UENP). As alterações solicitadas foram realizadas e o questionário pode ser visualizado no Quadro 10.

Quadro 10 - Questionário final aplicado aos participantes da pesquisa

1- Considerando a apresentação do projeto, feita no início dos encontros, e as atividades realizadas em sala, suas expectativas foram atendidas? Explique.
2- Fale a respeito de alguma atividade realizada durante os encontros (seu comentário pode ser positivo ou negativo).
3- Durante os encontros foi desenvolvida uma sequência didática, qual sua opinião a respeito dos passos que foram seguidos? Gostaria de fazer alguma sugestão?
4- No quarto encontro, houve uma avaliação por pares, na qual você pode ler e fazer uma breve avaliação do cordel de um companheiro de sala. Considerando-se como avaliador e avaliado, qual sua observação a respeito desta atividade?
5- Qual sua opinião a respeito de escrever cordéis tendo como tema a Educação Ambiental, no contexto específico do curso de Ciências Biológicas? Justifique sua resposta.
6- Qual sua posição diante do fato de que os cordéis produzidos façam parte dos instrumentos de avaliação da disciplina? Explique.
7- Você considera que os cordéis produzidos pela turma, durante as aulas, podem ou não ter a função de instrumentos de conscientização para alunos da Educação Básica? Comente.
8- Durante a realização da sequência de atividades, você pesquisou outros títulos em Literatura de Cordel ou leu algo a respeito do tema?
9- Depois do contato com a Literatura de Cordel, acredita que ela possa fazer parte de outras disciplinas? Comente.
10- Tendo em vista que você é professor em formação inicial e que futuramente pode assumir aulas na Educação Básica, aplicaria esta sequência em suas aulas? Explique.

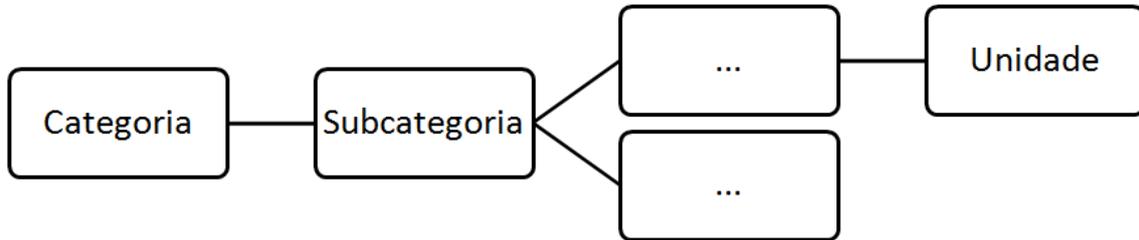
Fonte: a autora

As questões foram respondidas pelos 27 estudantes da disciplina de EA (após a realização do oitavo encontro), entretanto, para a análise dos dados adotamos o critério de exclusão, isto é, foram excluídos da análise as respostas dos estudantes que não participaram de todos os encontros, desta forma, o número de questionários analisados totalizaram 7.

Ao se deparar com o momento de analisar os dados, um pesquisador tem dois processos para realizar a construção das categorias de análise, são elas: as categorias *a priori* (ou prévias) e as *emergentes* (MORAES; GALIAZZI, 2016). Neste estudo, houve apenas as categoria *a priori*, aquelas que "já estão definidas antes de se encaminhar a análise e a classificação propriamente dita das unidades." (MORAES; GALIAZZI, 2016, p. 139). Entretanto, permaneceu o espaço para que, após a leitura detalhada dos questionários, surgissem outras categorias ou subcategorias a partir das múltiplas vozes presentes nas respostas analisadas, quando ocorre a opção por categorias emergentes "o pesquisador assume uma atitude fenomenológica de deixar que os fenômenos se manifestem." (MORAES; GALIAZZI, 2016, p. 139).

A Figura 4 demonstra o processo de categorização:

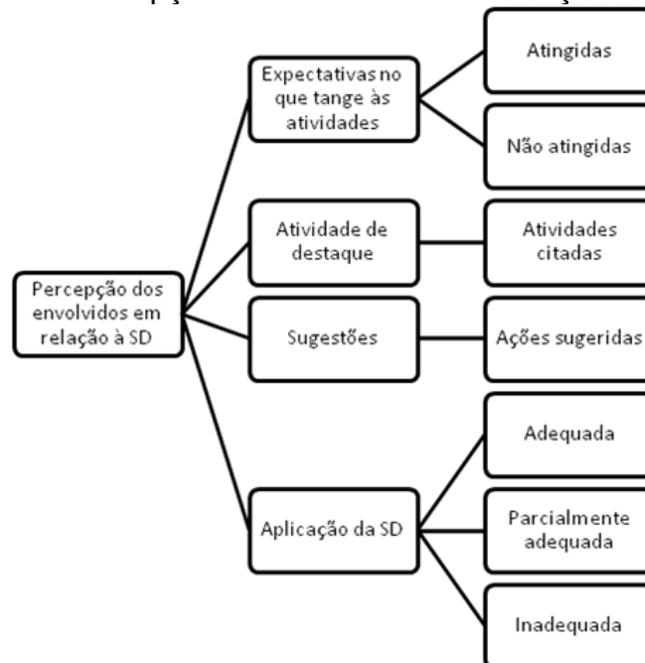
Figura 4 - Processo de categorização - ATD



Fonte: Rissi (2019, 74)

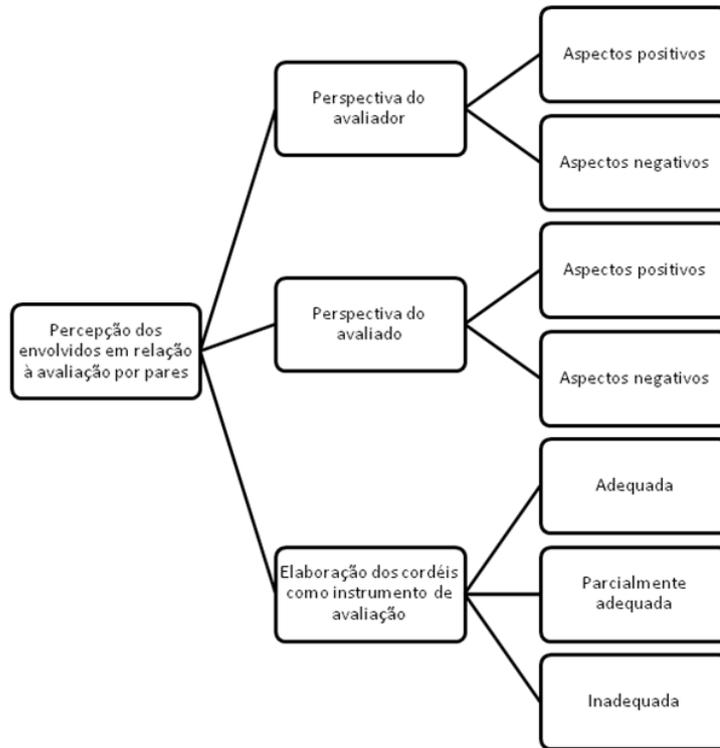
Diante desse contexto, tendo como base os referenciais teóricos desta pesquisa e no questionário formulado (instrumento de coleta de dados), estabelecemos categorias *a priori* para análise dos dados, conforme Figura 5, Figura 6 e Figura 7.

Figura 5 - Categoria 1 - Percepção dos envolvidos em relação à SD



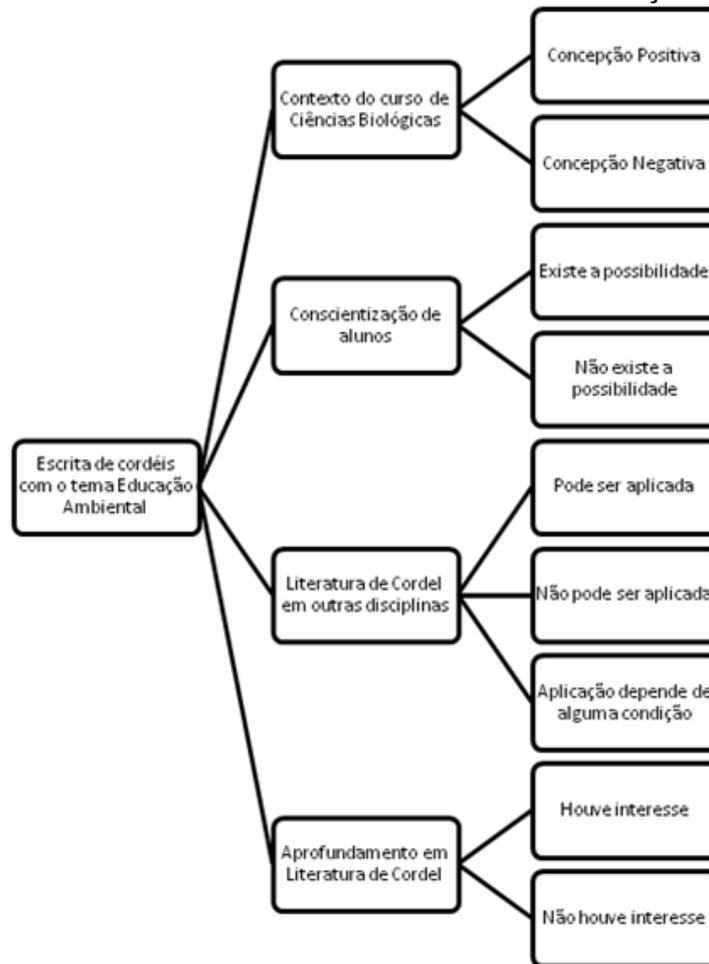
Fonte: a autora

Figura 6 - Categoria 2 - Percepção dos envolvidos em relação à avaliação por pares



Fonte: a autora

Figura 7 - Categoria 3 - Escritas de cordéis com o tema Educação Ambiental



Fonte: a autora

Com intuito de manter o sigilo quanto à identidade dos participantes e possibilitar a organização da análise dos resultados, realizamos a codificação do questionário respondido. Para tanto, estabelecemos o código P aos participantes de pesquisa, seguido pela ordem numérica de 1 a 7, visto que foram 7 participantes que estiveram presentes em todas as etapas da SD, ficando, então, P1, P2, P3 e assim por diante. Tendo em vista que o instrumento de coleta de dados foi um questionário, com 10 questões abertas, usamos o código Q para questionário, juntamente com o número da questão analisada: Q1, Q2, Q3 até a última questão analisada.

É fato que todas as respostas poderiam exemplificar as subcategorias e unidades, entretanto, considerando a quantidade significativa de respostas presentes em cada questionário, houve a opção por apresentar três excertos de cada unidade de análise.

7 ANÁLISE DOS RESULTADOS

Neste capítulo apresentamos a análise dos resultados obtidos por meio do questionário final, respondido pelos participantes da pesquisa, após a aplicação da SD. A análise ocorreu segundo a fundamentação teórica desta pesquisa aliada a outros autores que também escreveram a respeito do assunto. Seguimos também os procedimentos da Análise Textual Discursiva, de Moraes e Galiazzi (2016).

Diante disso, demonstramos as categorias, subcategorias e análise dos dados coletados. Para tal análise, estabelecemos 3 categorias *a priori*, as quais se mantiveram e não houve a incidência de categorias ou subcategorias emergentes. Assim, temos a primeira categoria de análise: **Percepção dos envolvidos em relação à SD** destacada no Quadro 11:

Quadro 11 - Categoria 1: Percepção dos envolvidos em relação à SD

Descrição: nesta categoria foram agrupadas as afirmações que se referem à recepção dos participantes diante da SD integrando Literatura de Cordel e EA, isto é, a visão dos estudante no que diz respeito aos passos e procedimentos adotados, tanto do ponto de vista positivo quanto negativo.			
Subcategorias	Unidades	Participantes	Excertos
Expectativas no que tange às atividades	Atingidas	P1, P2, P3, P4, P5, P6, P7	"Sim, muito atendidas, as práticas utilizando cordel nos levou à pesquisa e a conhecer diversos assuntos relacionados à educação ambiental." P2, Q1 "Sim, no começo desacreditei e não dei muito valor no entanto tive um pré-conceito e mudei de ideia." P3, Q1 "Sim, acredito que tudo que foi proposto foi feito, achei muito interessante, aprendi de uma forma diferente, foi muito bom, e nos permite ensinar usando recursos diversos." P7, Q1
	Não atingidas	-	-
Atividades de destaque	Atividades citadas	P1, P2, P3, P4, P5, P6, P7	"A peleja foi muito interessante, pois nos fez ir atrás dos prós e contra de uma ideia." P1 "Ler uma peleja com um amigo. Achei interessante." P3 "[...] como por exemplo a

			realização de cordéis e fazer a peleja com a turma, sem contar que eu gostei muito de realizar a capa com a técnica da isogravura." P7
Sugestões	Ações sugeridas	P2, P5	"[...] a sugestão de debates com temas concretos como o impacto da agropecuária, combustíveis, indústria alimentícia, têxtil, no planeta." P2, Q3 "Nenhuma sugestão." P5, Q3
Aplicação da SD	Adequada	P1,P2, P3, P4, P5, P6, P7	"A sequência não poderia ter sido melhor, começou simples e foi ficando mais complexa." P1, Q3 "Foi muito bom a sequência didática. Pois fomos aprendendo sequencialmente o assunto, dois lados, tanto sobre a questão ambiental como no cordel. E no final tivemos o aprendizado dos dois assuntos concluídos." P5, Q3 "A sequência didática foi muito boa, pois a professora primeiro nos ensinou e lembrou alguns aspectos dos cordéis e aos poucos nós fomos realizando." P7, Q3
	Parcialmente adequada	-	-
	Inadequada	-	-

Fonte: a autora

Conforme apresentado no quadro anterior, na categoria 1 **Percepção dos envolvidos em relação à SD** os fragmentos foram organizados em 4 subcategorias: **expectativas no que tange às atividades, atividade de destaque, sugestões e aplicação da SD.**

A primeira subcategoria presente na análise refere-se às **expectativas no que tange às atividades**, por meio das unidades de análise constatou-se que todos os participantes (P1 a P7) analisados tiveram suas expectativas atingidas de forma positiva, em relação às atividades realizadas durante a SD.

A resposta positiva dos 7 participantes, como por exemplo, a afirmação do P7 " [...] aprendi de uma forma diferente, foi muito bom, e nos permite

ensinar usando recursos diversos" corrobora com a proposta delineada por Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004), os quais consideram que uma SD tem como objetivo apresentar de forma específica um conjunto de conhecimentos para os estudantes, em torno de um gênero textual oral ou escrito. Uma vez que essas expectativas foram marcadas positivamente indicam que a execução em sala dos procedimentos desenvolvidos por esses autores pode ter permitido aos estudantes o contato com uma nova forma de aprendizagem, como destacam os autores "as sequências didáticas servem, portanto, para dar acesso aos alunos a práticas de linguagem novas ou dificilmente domináveis" (DOLZ; NOVERRAZ; SCHNEUWLY, 2004, p.97). Vale destacar que esses participantes de pesquisa são estudantes do 3º ano de Ciências Biológicas e não esperavam o contato com aspectos tão próprios da Literatura.

As respostas dadas sugeriram aspectos positivos não apenas referente aos passos e procedimentos da SD, mas também no que diz respeito à Literatura de Cordel, o elemento novo no contexto dos participantes. Os passos seguidos tinham como objetivo unir, de forma organizada e sequencial, Literatura de Cordel e Educação Ambiental, quando a isso, um dos participantes descreveu não acreditar em tal proposta: "[...] no começo desacreditei e não dei muito valor no entanto tive um pré-conceito e mudei de ideia." P3.

O cordel conta com a facilidade de poder chegar a todas as idades e contextos, é uma arte que carrega a história do povo brasileiro, rica em expressão popular e como afirma Castro (2016) "[...] capaz de debater sobre cidadania, discriminação, consciência ambiental, ética, questões políticas e sociais, e diversos temas científicos" (CASTRO, 2016, p. 48).

Além disso, alguns estudiosos consideram o cordel como um instrumento que permite desenvolver o hábito da leitura, por apresentar musicalidade nas rimas, os temas mais variados possíveis, trazer marcas da cultura nordestina, metáforas diversas. Carmo (2016) ressalta que essas características citadas conferem ao cordel um encantamento capaz de estimular à leitura.

A subcategoria **atividades de destaque** foi elencada a partir da questão 2 (Comente a respeito de alguma atividade realizada nestes encontros.), desta forma, a maioria dos estudantes citou a peleja e o debate como atividades positivas, não houve comentários negativos quanto às atividades aplicadas durante a SD.

Seguindo na análise, na subcategoria **sugestões**, apenas um dos participantes, o P2, propôs a existência de mais debates durante a execução da SD, algo possível de ser efetuado, pois uma SD pode e deve ter espaço às adaptações. Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004), sugerem que mediante a observação da evolução ou não dos alunos é possível refinar, modular e readaptar a sequência levando em conta as capacidades e necessidades de cada turma.

A subcategoria denominada **aplicação da SD** apontou que os 7 participantes consideraram adequados os passos seguidos na mesma. Observamos, por meio dos excertos, que os estudantes entenderam a aplicação da SD como uma sequência de procedimentos, um processo por meio do qual iam aprendendo, discutindo gradativamente o assunto proposto, como afirmado pelo P5 "[...] fomos aprendendo sequencialmente o assunto, dois lados, tanto sobre a questão ambiental como no cordel [...]" e pelo P1 "[...] começou simples e foi ficando mais complexa".

A ideia captada pelos estudantes é, de modo geral, o principal objetivo das sequências didáticas, ou seja, elas permitem ao professor organizar os procedimentos de forma que os estudantes possam gradualmente apropriar-se de um conteúdo ou de um gênero discursivo, como é o caso da SD desenvolvida por Dolz, Noverraz, Schneuwly (2004) que serviu de base teórica para o produto educacional aplicado nesta pesquisa.

De forma resumida, a SD criada por esses autores propõe a apresentação da situação, a produção inicial, uma sequência de passos divididos em módulos e a produção final. (DOLZ, NOVERRAZ, SCHNEUWLY, 2004).

A SD aplicada aos participantes de pesquisa teve como primeira atividade a apresentação do gênero cordel, leitura de vários títulos, inclusive leitura de cordéis com o tema referentes à Educação Ambiental; tal atividade foi definida como apresentação da situação. Em seguida, houve a proposta de escrita de cordéis em dupla, caracterizado como produção inicial. Posteriormente, foram realizados outros encontros, os quais foram uma adaptação dos módulos definidos pelos autores citados, com o objetivo de oferecer subsídios para produção final, a escrita de um cordel com o tema: Educação Ambiental.

Dessa maneira, segundo os autores, a organização do trabalho em SD tem como finalidade "dar acesso aos alunos a práticas de linguagem novas ou dificilmente domináveis" (DOLZ; NOVERRAZ; SCHNEUWLY, 2004, p.97).

Fontenele e Neto (2018), em uma proposta de SD para o trabalho

com o gênero textual relato pessoal, afirmam que

ensinar um gênero ou com gêneros, seja escrito ou oral, implica o planejamento e a realização de atividades organizadas sistematicamente, exercícios modulados, pois como “instrumento de comunicação”, um gênero não é só uma estrutura textual; um gênero é um discurso, é uma ação e uma forma de organização social, é uma categoria cultural, razão pela qual o professor não pode perder de vista as condições de produção e circulação nas situações reais fora dos muros da escola (FONTENELE; NETO, 2018, p.186).

Ao desenvolver uma SD do gênero comentário argumentativo do *Facebook*, Resende (2018) declara importância do uso de sequências didáticas no contexto de ensino e aprendizagem, essa ação

possibilita a exploração de diversos outros gêneros textuais emergentes em nossa sociedade que, muitas vezes, não são abordados em sala de aula, mas se um determinado problema comunicativo é observado, eles devem ser trazidos para o contexto escolar (RESENDE, 2018, p. 128).

Zabala (1998) defende a presença da SD no processo de ensino e aprendizagem, de acordo com o autor, a organização do trabalho educacional em SD e a articulação das atividades são "traços diferenciais que determinam a especificidade de muitas propostas didáticas" (ZABALA, 1998, p.53).

O autor propõe um modelo de sequência didática que corrobora com as ideias expressas na análise desta subcategoria no que diz a respeito da ação positiva ao se optar por esse modo de organização da prática docente. O autor defende a importância da ordenação articuladas das atividades, vinculada aos objetivos de ensino, e o uso de instrumentos capazes de

introduzir nas diferentes formas de intervenção aquelas atividades que possibilitem uma melhora de nossa atuação nas aulas, como resultado de um conhecimento mais profundo das variáveis que intervêm do papel que cada uma delas tem no processo de aprendizagem dos meninos e meninas (ZABALA, 1998, p.54).

Não surgiram excertos relativos às unidades **parcialmente adequada e inadequada**, as quais fazem parte da subcategoria **aplicação da SD**.

Quadro 12 - Categoria 2: **Percepção dos envolvidos em relação às avaliações por pares e individual**

Descrição: categoria que demonstra excertos indicando como os participantes interpretaram as formas avaliação implementadas na SD.

Subcategorias	Unidades	Participantes	Excertos
Perspectiva do avaliador	Aspectos Positivos	P1, P2, P5, P6, P7	"Eu achei interessante me colocar no lugar de um professor e avaliar o cordel." P1, Q4 "Gostei muito. Aprender a avaliar a atividade de outra pessoa é como se fosse uma experiência como professor [...]" P5, Q4 "Esse procedimento avaliativo foi importante." P7, Q4
	Aspectos Negativos	P4	"[...] e como avaliadora é difícil pois não sabia muito sobre o cordel e o tema." P4, Q4
Perspectiva do avaliado	Aspectos Positivos	P2, P3, P4, P5, P6, P7	"Excelente ver por outro ângulo as vezes é muito bom como enriquecer com uma crítica." P3, Q4 "[...] ver algum colega de classe me avaliando foi bom pois tive o olhar de outra pessoa me avaliando e não um professor." P5, Q4 "[...] e fomos avaliados, o que permitiu ver se o nosso cordel estava correto e caso tivesse algo para melhorar, permitiu que os próximos fossem melhorados." P7, Q4
	Aspectos Negativos	-	-
Elaboração dos cordéis como instrumento de avaliação	Adequada	P4, P5, P6, P7	"Foi difícil imaginar como seríamos avaliados, mas acredito que é possível." P4, Q6 "Avaliou nossa opinião sobre o assunto, o conceito, pudemos explicar o que entendemos[...]" P5, Q6 "Acredito que dê certo, porém se feito com esta sequência, na qual aprendemos e tínhamos um momento, um tempo para realizar." P7, Q6
	Parcialmente adequada	P1, P2, P3	"Talvez em algumas disciplinas esse possa ser um meio de avaliação já que precisa de conhecimento sobre o tema

			para fazer o cordel." P1, Q6 "Por um lado bom pois aprendemos sobre cordéis, por outro ruim pois ficamos com menos conteúdo em educação ambiental." P3, Q6 "Não muito boa em um semestre, se a disciplina tiver um ano, aí sim, mas é pouco tempo considerando que as habilidades de criação da turma são diferentes [...]" P2, Q6
	Inadequada	-	-

Fonte: a autora

Os excertos apresentados na categoria 2, **Percepção dos envolvidos em relação às avaliações por pares e individual**, estão relacionados ao 4º encontro da SD. Nesse encontro, foi realizada uma avaliação por pares dos cordéis escritos em duplas (seguindo os critérios estabelecidos, os estudantes deveriam avaliar o cordel produzido de uma dupla de companheiros de sala), os critérios de avaliação foram estabelecidos em conjunto com os estudantes. Em consequência disso, os participantes foram questionados a respeito do tipo de avaliação por eles praticado, circunstância que originou as subcategorias **perspectiva do avaliador e perspectiva do avaliado**.

Na subcategoria **perspectiva do avaliador**, 5 participantes consideraram positivo o papel de avaliador que desempenharam, o P3 não responde a essa parte da questão. Os excertos evidenciaram que os participantes, diante do papel de avaliadores, imaginavam como seria a condição de professor, de como avaliariam quando professores; ocorreram relatos como: "Eu achei interessante me colocar no lugar de um professor e avaliar o cordel." P1. Esse tipo de posicionamento remete à questão: como será quando estiver atuando em sala de aula? Que caminhos seguir? Diante disso, cabe ressaltar a importância da organização dos currículos para formação profissional de professores. Quais ferramentas as instituições devem dispor para preparar seus estudantes para exercício da profissão? Afinal, os estudantes precisam concluir seus cursos de forma que consigam o mínimo de subsídios para atuação docente. Honório *et al* (2017) entendem que

[...] cabe às instituições formadoras de professores durante o

processo de formação inicial, garantir a reflexão crítica, a investigação e a unidade teoria/prática, favorecendo elementos básicos para formar um docente questionador, investigador, reflexivo e crítico, para que com essa formação, o professor problematize criticamente a realidade em que atua, adote uma postura ativa no cotidiano da escola e torne-se um profissional capaz de desenvolver um trabalho comprometido em sua atuação profissional. (HONÓRIO *et al*, 2017, p.1748)

Em relação aos cursos de formação profissional de professores, Libâneo (2015) destaca que uma questão é a dificuldade em articular o domínio dos conteúdos da disciplina e domínio dos saberes e habilidades para ensinar esses conteúdos. De acordo com o autor, nesses cursos, há dissociação entre os conhecimentos disciplinar e os pedagógicos, além disso "[...] tal dissociação aparece com características muito diferentes quando se trata da licenciatura em pedagogia e das licenciaturas em conteúdos específicos" (LIBÂNEO, 2015, p. 2).

Libâneo (2015) também enfatiza que nos cursos de áreas específicas, como por exemplo Ciências Biológicas, percebe-se o destaque para os conteúdos e atenção limitada à formação pedagógica, muitas vezes sem ligação com a formação disciplinar.

A afirmação do P5 "Aprender a avaliar a atividade de outra pessoa é como se fosse uma experiência como professor [...]" demonstra que o fato de avaliar um companheiro de sala simula o "aprender a avaliar", entretanto, a SD não contemplou esse procedimento de "como avaliar", apenas foram estabelecidos critérios em conjunto com a turma. Assim, soma-se a isso um ponto importante da formação inicial de professores: como avaliar os meus alunos quando estiver atuando em sala? É válido que os estudantes de licenciaturas reconheçam a relevância dos caminhos para a avaliação formativa. Villas Boas (2017) declara que as pesquisas indicam que o assunto avaliação tem sido tratado de maneira muito discreta nos cursos de formação de professores. A autora considera que

Para que a avaliação contribua para a organização do trabalho pedagógico da escola de educação básica, comprometido com as aprendizagens de todos os estudantes, precisa fazer parte da formação dos futuros professores. (VILLAS BOAS, 2017, p. 203)

Ainda em relação ao procedimento de avaliação por pares, identifica-se a subcategoria perspectiva do avaliado, na qual estão os fragmentos

relativos à opinião dos participantes a respeito de como foi ser avaliado por um companheiro de sala.

Dos excertos ligados a essa subcategoria, 6 foram elencados na unidade **aspectos positivos**, o participante P1 não respondeu a essa questão. Ser avaliado por um companheiro de sala não causou conflito entre os estudantes, não surgiram expressões como "não gostei", "foi difícil". O participante, por exemplo, P5 escreveu "[...] ver algum colega de classe me avaliando foi bom pois tive o olhar de outra pessoa me avaliando e não um professor", essa afirmação valida a consideração de Vilas Boas (2001) acerca da avaliação por pares

A avaliação por colegas (da mesma disciplina ou da mesma turma, por estarem desenvolvendo as mesmas atividades) é um componente importante do processo avaliativo e pode ser o primeiro passo para a autoavaliação. Enquanto analisam e corrigem suas próprias produções, os alunos podem fazer o mesmo com as dos colegas. [...] Essa ajuda mútua tem a vantagem de ser conduzida por meio da linguagem que os alunos naturalmente usam. Além disso, os alunos costumam aceitar mais facilmente os comentários de colegas do que os de seus professores (VILLAS BOAS, 2001, p.172).

A última subcategoria destacada no

Quadro 12 é a **elaboração de cordéis como instrumento de avaliação** e com apreciações dos participantes quanto à possibilidade do cordel escrito individualmente ser o instrumento de avaliação da disciplina de Educação Ambiental. Usamos o termo "possibilidade", porque no momento em que os participantes responderam ao questionário final, o professor responsável pela disciplina ainda consideraria se manteria ou não os cordéis como instrumento de avaliação.

As respostas dadas revelaram que 4 participantes (P4, P5, P6, P7) consideraram adequada essa possibilidade de avaliação da disciplina: "Foi difícil imaginar como seríamos avaliados, mas acredito que é possível" P4. A fala do participante P7 "Acredito que dê certo, porém se feito com esta sequência, na qual aprendemos e tínhamos um momento, um tempo para realizar" indica que, em sua visão, a avaliação precisa estar atrelada à SD para que seja viável.

Dolz também destaca em seus pressupostos que a SD por eles elaborada leva à avaliação formativa, permitindo que o processo de avaliação seja iniciado na primeira produção. Os autores consideram que com primeira produção do estudantes em mãos os professores podem avaliar as capacidades já adquiridas

pelos mesmos e, assim, detectar se será necessário ajustar ou não as atividades e os exercícios previstos na sequência, de acordo com a realidade de cada turma.

No processo avaliativo, o professor deve também dar retorno ao estudante a respeito do desempenho do mesmo na atividade avaliativa proposta, nesse ponto a ideia de Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004) encontra-se a de Villas Boas (2008) que também considera fundamental, dentro da avaliação formativa, o feedback ao estudante.

Para Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004) essa resposta ao estudante, indicando aspectos que precisam ou não de reformulação em seu texto ou atividade "define o significado de sequência didática para o aluno, isto é, as capacidades que devem desenvolver para melhor dominar o gênero de texto em questão" (DOLZ; NOVERRAZ; SCHNEUWLY, 2004, p.98).

A subcategoria **elaboração dos cordéis como instrumento de avaliação** também trouxe a unidade **parcialmente adequada**, a qual foi apontada por 3 participantes (P1, P2, P3) e não houve excertos destinados à unidade **inadequada**.

Dentre os participantes que apontaram como parcialmente adequado o uso dos cordéis como instrumento de avaliação, o participante P2 reconheceu como curto o tempo da sequência, no caso 8 encontros; para ele esse procedimento seria adequado em uma sequência com mais tempo: "Não muito boa em um semestre, se a disciplina tiver um ano, aí sim, mas é pouco tempo considerando que as habilidades de criação da turma são diferentes [...]". Por outro lado, o participante P3 revelou preocupação com o conteúdo: "Por um lado bom pois aprendemos sobre cordéis, por outro ruim pois ficamos com menos conteúdo em educação ambiental." Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004), Zabala (1998) descrevem em seus estudos que a organização do trabalho em SD permite a adaptações, como por exemplo, temporal e de conteúdo, observando a realidade de cada turma. Nesse contexto, cabe ao educador estar aberto às reflexões diante das reações e apontamentos de seus alunos.

Quadro 13 - Categoria 3: Escrita de cordéis com o tema Educação Ambiental

Descrição: esta categoria engloba os excertos relativos a opinião dos participantes quanto a leitura, interpretação e produção cordéis com o tema Educação Ambiental em um curso de graduação em Ciências Biológicas.			
Subcategorias	Unidades	Participantes	Excertos
Contexto do curso de Ciências Biológicas	Concepção positiva	P1, P2, P3, P4, P5, P6, P7	"No começo não vi muito sentido mas depois de entender cordéis vi que tudo era possível." P3, Q5 "Gostei bastante porque foi algo que nunca esperaria aprender." P4, Q5 "Achei interessante. Usar novos conhecimentos biológicos e mais que isso ter a clareza de criatividade, os dois juntos foi muito bom. Não só aprendemos Biologia, mas outro processo de aprendizagem, sair da zona de conforto e aprender coisas diferentes."
	Concepção Negativa	-	-
Conscientização de alunos	Existe a possibilidade	P1, P2, P3, P4, P5, P6, P7	"Pode sim, eles contém bastante informação valiosa sobre diversos assuntos da educação ambiental." P1, Q7 "Com toda certeza. Eles já nos ajudaram muito, mesmo nós graduandos, imagino que para alunos da Educação Básica ajudaria e muito." P5, Q7 "Sim, os cordéis produzidos tinham relação com a disciplina, tinham temas, portanto poderiam ser usados como forma de conscientizar as pessoas do quanto é importante preservar o meio ambiente." P7, Q7
	Não existe a possibilidade	-	-
Literatura de Cordel em outras disciplinas	Pode ser aplicada	P2, P3, P5, P6	"Sim, sem dúvidas, utilizo para estudar e dá certo." P2, Q9 "Com certeza. Acho que as matérias hoje em dia estão inclinadas a apenas uma forma didática e isso deixa

			as matérias de forma muito passiva. O cordel em outras disciplinas deixaria e despertaria o interesse da maioria dos alunos." P5, Q9 "Sim, foi possível utilizar em ciências biológicas é possível realizar em outras matéria." P6, Q9
	Não pode ser aplicada	-	-
	A aplicação depende de alguma Condição	P1,P4, P7	"Pode ser usado em algumas disciplinas como as da área da educação." P1, Q9 "Dependendo da disciplina sim, acredito que em biológicas e humanas sim, mas em exatas seria difícil." P4, Q9 "Dependendo da disciplina ele poderia ser utilizado." P7, Q9
Aprofundamento em Literatura de cordel	Houve interesse	P1, P2, P3, P4, P5, P7	"Sim, sobre educação ambiental e também temas de relevância social." P2, Q8 "Li sobre cordéis e gostei muito." P4, Q8 "Sim, pesquisei para me interar do assunto que seria tratado, vi alguns cordéis." P7, Q8
	Não houve interesse	P6	"Não." P6, Q8

Fonte: a autora

A categoria 3 traz como primeira subcategoria **contexto do curso de Ciências Biológicas**. Para compor essa categoria, os fragmentos selecionados referem-se às respostas dos estudantes quando questionados a respeito do que acharam da presença da Literatura de cordel, no contexto das Ciências Biológicas.

As unidades de análise são **concepção positiva e concepção negativa**. Todos os participantes (P1 a P7) perceberam de forma positiva a presença da Literatura de cordel no curso de Ciências Biológicas. O participante P3 apontou: "Achei interessante. Usar novos conhecimentos biológicos e mais que isso ter a clareza de criatividade, os dois juntos foi muito bom. Não só aprendemos Biologia, mas outro processo de aprendizagem, sair da zona de conforto e aprender coisas diferentes"; P4 escreveu "Gostei bastante porque foi algo que nunca

esperaria aprender." As respostas, além de positivas, deixam indícios de uma certa surpresa em encontrar a literatura nas aulas de Educação Ambiental.

Para os estudiosos nesse assunto, o ato de levar a literatura para sala de aula deve ser concebido como uma oportunidade de colaborar com a formação do estudante, criando mecanismos que possam auxiliar na formação de um indivíduo crítico, aberto às reflexões sobre os mais diversos temas presentes na sociedade, como afirma Gens "[...] a experiência estética promove indagações sobre as formas de existir e estar no mundo" (2008, p.30).

Assim sendo, a Literatura de cordel é considerada nesta pesquisa como uma forma de expressão que consegue caminhar por todas as idades, possível de ser lida, sentida e discutida em diferentes áreas do conhecimento. Em relação à Literatura de cordel Marinho e Pinheiro afirmam

Todo leitor ou ouvinte de literatura de folhetos aprendeu a apreciar este gênero a partir de narrativas de aventura, de proeza, de pelejas, de notícias cheias de invenções, de brincadeiras (...) Mesmo os que aprenderam a ler com folhetos, foram primeiro tocados pela fantasia das narrativas, pelo humor de situações descritas, enfim, pelo viés da gratuidade e não pelo pragmatismo de suas informações. (MARINHO; PINHEIRO, 2012, p.12)

Em seu livro "O cordel no cotidiano escolar", esses autores refletem acerca da importância do texto literário como instrumento de formação do aluno

A experiência alheia alçada ao nível do símbolo artístico nos convida ao prazer da leitura. Esta aí, possivelmente um ponto de partida para o trabalho com literatura: pensar com os próprios alunos sobre estas experiências de alegria que nascem dos lábios que narram, que encenam, que pelejam, que protestam, que dão voz e corpo aos sonhos e emoções. (MARINHO, PINHEIRO, 2012)

Existem trabalhos que abordam o tema do cordel na sala de aula, Carmo (2016), por exemplo, defende a posição de que o cordel é um recurso interdisciplinar positivo e pode ser "proposto como um elemento para construção de significados para o mundo do estudante" (CARMO, 2016, p. 53).

Assim, ao desenvolver uma SD que contemplou Literatura de Cordel

e Educação Ambiental esperava-se propiciar aos estudantes reflexões a respeito das questões ambientais unindo dois campos de estudo diferentes, Cavalcante (2005) afirma

A perspectiva crítica de currículo busca estabelecer uma reflexão sobre a responsabilidade de todos frente as questões socioambientais. Isto implica em não centrarmos a Educação Ambiental em uma disciplina, ou não territorializarmos sua discussão como da “área biológica”, “da geografia”... a Educação Ambiental é território de todos e deve ser trabalhada com responsabilidade a partir de uma visão de mundo e sociedade que está inserida no projeto político pedagógico do espaço no qual atuamos. (CAVALCANTE, 2005, p.122-123)

Os estudantes, ao final da SD, escreveram cordéis tendo como tema a Educação Ambiental e foram questionados quanto à hipótese de que os cordéis por eles produzidos pudessem ajudar na conscientização de alunos da Educação Básica, no que diz respeito à importância de se pensar efetivamente em Educação Ambiental.

Os excertos encontrados diante dessa hipótese fazem parte da subcategoria **conscientização de alunos**, com as unidades **existe possibilidade e não existe a possibilidade**. Os excertos dos 7 participantes (P1 a P7) foram elencados na unidade **existe a possibilidade e** não houve excertos para a unidade **não existe a possibilidade**.

O estudante P5 considerou: "Com toda certeza. Eles já nos ajudaram muito, mesmo nós graduandos, imagino que para alunos da Educação Básica ajudaria e muito"; P7 afirmou: "Sim, os cordéis produzidos tinham relação com a disciplina, tinham temas, portanto poderiam ser usados como forma de conscientizar as pessoas do quanto é importante preservar o meio ambiente." Essas afirmações remetem às ponderações de Neto (2017), o autor defende a posição de que o debate educacional no que diz respeito às questões ambientais ainda é imaturo no Brasil e acredita que seja fundamental que as escolas estejam abertas às discussões e reflexões acerca da EA por meio de diálogos interdisciplinares.

É preciso que haja mais subsídios a estudos e discussões sobre a temática, em diferentes esferas, para que avanços sejam factíveis

considerando a realidade social concreta na qual nos localizamos. Mais exercícios interdisciplinares precisam ser realizados nas escolas, e maior diálogo é necessário entre os (as) professores(as) para que a Educação Ambiental escolar seja, primeiramente fortalecida e melhor entendida, posteriormente reavaliada em sua estrutura com mais elementos objetivos. (NETO, 2017, p.48-49)

Mesmo os estudantes tendo produzido cordel poucas vezes, consideraram que poderiam ter um público leitor (os alunos da Educação Básica). Segundo Castro (2016), o cordel é uma poesia com linguagem simples, escrita breve com temas ligados a fatos reais ou imaginários, não há rigidez da escrita dos textos em cordel e as marcas da oralidade presentes nessas produções são importantes para aproximar a voz interior do poema e os leitores

[...] quando lemos um texto em cordel não interagimos somente com as palavras enquanto objeto, porque o texto se sobressai da escrita e se transforma em sujeito. Sujeito com o qual o professor interage em enlace de prazer que faz a leitura fluir com maior naturalidade. (CASTRO, 2016, p.36)

A união de EA e a Literatura de cordel busca atingir uma das características da EA, a transversalidade. Para Marcatto (2002), a característica transversal

[...] propõe-se que as questões ambientais não sejam tratadas como uma disciplina específica, mas sim que permeie conteúdos, objetivos e orientações didáticas em todas as disciplinas. A educação ambiental é um dos temas transversais dos Parâmetros Curriculares Nacionais do Ministério da Educação e Cultura. (MARCATTO, 2002, p.19)

Os estudantes também responderam a uma questão quanto ao fato da Literatura de cordel associar-se a outras disciplinas tanto do curso de Ciências Biológicas, quanto da Educação Básica. As unidades de análise nessa categoria foram nomeadas como **pode ser aplicada**, **não pode ser aplicada** e **a aplicação depende de alguma condição**.

A unidade **pode ser aplicada** foi apontada por 4 participantes (P2, P3, P5, P6). O participante P5, por exemplo, mencionou "Com certeza. Acho que as matérias hoje em dia estão inclinadas a apenas uma forma didática e isso deixa as matérias de forma muito passiva. O cordel em outras disciplinas deixaria e despertaria o interesse da maioria dos alunos".

Por meio da Literatura de Cordel, o poeta pode contar histórias, expressar sentimentos, protestar, tratar de inúmeros temas, esses aspectos apontados a torna possível de ser lida, declamada em muitos ambientes, inclusive, o escolar.

Fernandes (2016) defende a presença do cordel em sala de aula e o considera como elemento capaz de contribuir com o processo ensino e também um incentivo à propagação da cultura brasileira, visto que carrega em seus versos marcas da diversidade cultural, característica própria da sociedade brasileira.

Carmo (2016) caracteriza a Literatura de Cordel como fonte que contribui para o meio educacional, pois a mesma oportuniza, ao estudante, a visão do mundo plural, permite que sejam formulados questionamentos e encontre, nos textos em cordel, vozes que o auxiliem em sua formação como indivíduo.

Outros participantes apontaram que, em algumas disciplinas, a leitura e até mesmo a produção de cordéis não seria algo adequado, para eles existem as disciplinas nas quais esse trabalho é pertinente, como as Ciências Humanas e as Biológicas, já as Ciências Exatas não seriam campo adequado para os cordéis. O participante P4 respondeu "Dependendo da disciplina sim, acredito que em biológicas e humanas sim, mas em exatas seria difícil." Desta forma, elencamos as respostas de 3 participantes (P1, P4, P7) na unidade **a aplicação depende de alguma condição**.

Embora tenha ocorrido esse apontamento a leitura e a produção textual podem fazer parte de todas as áreas do conhecimento.

Considerando que os participantes eram integrantes do Curso de Ciências Biológicas e, desta forma, não encontravam em seu currículo disciplinas ligadas ao ensino de Literatura. Questionamos se houve ou não o interesse no aprofundamento em Literatura de Cordel, uma vez que passaram por um SD que unia Literatura de Cordel e Educação Ambiental, no curso de Ciências Biológicas. A partir disso, estabelecemos *a priori* a subcategoria **aprofundamento em Literatura de Cordel**, na qual reunimos os excertos relacionados ao fato dos participantes

demonstrarem ou não interesse no aprofundamento em Literatura de Cordel, com as unidades **houve interesse** e **não houve interesse**.

O Quadro 13 evidenciou 6 participantes (P1, P2, P3, P4, P5, P7) na unidade **houve interesse** e 1 participante (P6) na unidade **não houve interesse**. O participante P6 respondeu apenas "Não", sem explicar o motivo pelo qual não procurou aprofundar-se em Literatura de Cordel. Dentre os participantes que buscaram mais informações sobre Literatura de Cordel, o P2 relatou "Sim, sobre educação ambiental e também temas de relevância social"; o P4 afirmou "Li sobre cordéis e gostei muito". Mesmo que por curiosidade, os estudantes recorreram à pesquisa sobre Literatura de Cordel, acabaram lendo outros títulos de Cordel, exercitaram a leitura e, de alguma forma, tiveram contato com o texto literário.

Assim, sentindo que vivemos em uma era de introspecção, Gens (2008) convida os professores em formação a promover a leitura no ambiente escolar (ou acadêmico) como um ato estético e político, de forma que a construção dos sentidos dos textos literários converta-se em um momento prazeroso.

O autor ainda afirma que a leitura literária deve cooperar para que leitores e leitoras continuem atentos ao valor da vida, pois diante do contato com uma obra literária, essa experiência pode nos levar a questionamentos a respeito do mundo do qual fazemos parte, do modo como estamos passando pela nossa existência.

Neste sentido, as obras literárias, miméticas ou não, suscitam interrogações sobre a condição de mulheres e homens frente à violência, à técnica, à opressão, o progresso, o medo, o horror, às lutas de diferentes naturezas, à liberdade, ao amor, ao ódio, sempre que o trabalho com linguagem poética faça despontar a possibilidade de encontro estético com o outro da criação. (GENS, 2008, p.30).

Marinho e Pinheiro (2012) destacam que o gosto pela leitura precisa e deve ser lapidado, é imprescindível insistir na leitura de diversos gêneros literários, não só do cordel. Os autores afirmam que, em alguns lugares do Brasil, os cordéis estão esquecidos e a escola pode ser um lugar de resgate e divulgação dessas produções. Apesar disso, também entendem que o cordel ainda resiste ao tempo, sobrevive às transformações tecnológicas, ao poder da cultura de massa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A EA não deve ficar restrita ao termo "preservação da natureza", da resolução de problemas ambientais já existentes, está além dessas proposições; é um processo de conscientização que permite aos indivíduos perceber que o exercício da cidadania requer o olhar atento perante as transformações da vida que refletem diretamente no meio ambiente (LOUREIRO, 2004).

Compreender os pressupostos da EA possibilita que a sociedade repense, reconstrua e atribua novos significados ao seu relacionamento com o meio ambiente. Diante deste fato e alinhado aos pressupostos da EA, o curso de Licenciatura em Ciências Biológicas da Universidade Estadual do Norte do Paraná (UENP), Câmpus Cornélio Procópio possui em sua grade curricular a disciplina de Educação Ambiental; disciplina que escolhemos para fazer parte desta pesquisa.

Nos cursos de licenciatura, os estudantes e os docentes buscam constantemente formas de refletir, desenvolver estudos que permitam o avanço e a melhoria do ensino, oferecer mecanismos que colaborem com a prática docente e, conseqüentemente, oportunizem variadas situações de aprendizagem.

Os processos de ensino e aprendizagem envolvem dois atores principais, professores e estudantes:

- os estudantes trazem para esse processo suas experiências de vida, suas crenças e o seu lado emocional;
- os professores chegam à sala de aula também carregados histórias pessoais, facilidades ou dificuldades de aprendizado.

O papel do professor pesquisador é buscar alternativas que envolvam professores e estudantes em um processo efetivo de ensino e aprendizagem.

Diante desse contexto, concebemos esta pesquisa com objetivo de desenvolver e aplicar uma sequência didática integrando Educação Ambiental e Literatura de Cordel.

A Literatura de Cordel é considerada uma manifestação artística especificamente brasileira que utiliza a linguagem poética para expressar suas mensagens.

Para atingir o objetivo desta pesquisa seguimos os seguintes procedimentos metodológicos:

- a) Desenvolvimento da revisão sistemática da literatura. Nesta revisão, detectamos 17.611 artigos (7.678 - artigos com *qualis* A1; 9.933 artigos A2). Posteriormente, ao aplicar o critério de inclusão (os artigos que concebiam a Literatura de Cordel como instrumento de ensino), foi revelado um conjunto de 7 trabalhos que relacionam o tema Literatura de Cordel e EA. Dos 7 trabalhos encontrados, nenhum deles apresentava o cordel como instrumento de produção textual.
- b) Fundamentação teórica. Na fundamentação, subsidiamos a idealização e elaboração de um produto educacional que viabilizou a aplicação da Literatura Cordel no ensino de EA.
- c) Elaboração da Sequência Didática. A SD buscou integrar a Literatura de Cordel e o ensino de um conteúdo específico de EA.
- d) Aplicação da Sequência. A sequência foi aplicada em turma composta por 27 estudantes do terceiro ano do curso de Licenciatura em Ciências Biológicas, com duração de 5 anos, noturno, de uma universidade pública da esfera estadual do Paraná.
- e) Coleta e Análise dos Dados. Nesta fase, como instrumentos para a coleta de dados utilizamos um questionário aplicado aos estudantes que participaram da SD (vide questionário no Apêndice C).

A análise dos dados foi baseada nos pressupostos de Moraes e Galiuzzi (2016), no que se refere à ATD, processo de análise e interpretação dos dados, com objetivo de apresentar os resultados da análise de forma clara e objetiva aos leitores.

Por meio dos passos da ATD, estabelecemos três categorias de análise que trouxeram excertos relativos: a) à percepção dos envolvidos em relação à SD; b) aos procedimentos avaliativos e; c) às ponderações no que diz respeito ao fato de escrever cordéis com o tema Educação Ambiental.

As colocações dos participantes na categoria referente à percepção diante da SD, que integrou Literatura de Cordel e EA, deixou indícios que os mesmos interpretaram-na de forma positiva. Os participantes apontaram que a SD proporcionou uma forma diferente e sequencial de abordar o tema da EA, compreenderam que as atividades desenvolvidas partiam do simples para o complexo.

Em relação aos procedimentos avaliativos abordados na SD, os participantes consideraram adequada a avaliação por pares, alguns apontaram

sentimento positivo ao ser avaliado por um companheiro de sala e não por um professor, subentende-se, nesse contexto, que o professor é visto como alguém superior no momento da avaliação. Em relação ao cordel como instrumento de avaliação dos conteúdos contemplados na SD, a maioria dos estudantes considerou adequado o fato de ser avaliado por meio dessa produção. Por outro lado, alguns estudantes também argumentaram que seria pertinente que a sequência tivesse mais encontros e, desta forma, a avaliação poderia ocorrer de forma mais satisfatória.

A categoria 3 apresentou os excertos relativos à concepção dos participantes quanto à leitura, interpretação e produção dos cordéis com o tema EA. Nessa categoria, os participantes alegaram que inicialmente a proposta de trabalho interdisciplinar entre Literatura de Cordel e EA parecia sem sentido, não esperavam ter contato com dois campos do conhecimento tão diferentes. Entretanto, durante a execução da SD, consideraram válido o trabalho entre Literatura de Cordel e EA.

Diante da afirmação anterior, vale destacar que, no primeiro encontro da sequência, dos 27 participantes da pesquisa, 7 conheciam a Literatura de Cordel, 13 já tinham tido contato com o termo, mas nunca haviam manuseado nenhum folheto e 8 não conheciam tal forma de expressão.

Assim, identificamos que a organização da prática docente em SD permite traçar um caminho definido, por meio de atividades diversificadas, estruturadas, com o objeto de estudo delimitado, considerando as capacidades e a realidade de cada sala de aula e atingir os objetivos delineados na fase do planejamento.

É importante esclarecermos que esta pesquisa não teve a intenção de propor um manual a ser seguido passo a passo, mas demonstrar uma forma de organização dos procedimentos em sala que auxilie nos processos de ensino e aprendizagem. A organização do trabalho docente em SD é possível de adaptações em relação ao tempo de execução, atividades e ao contexto específico de cada campo do conhecimento.

REFERÊNCIAS

ABREU, M. **Antologia de folhetos de cordel: amor, história e luta.** 1. ed. São Paulo: Moderna, 2005.

ABREU, M. **Histórias de cordéis e folhetos.** Campinas, SP: Mercado das Letras, 2011.

ALBUQUERQUE, M. E. B. C. **Literatura popular de cordel: dos ciclos temáticos à classificação bibliográfica.** 2011. Tese (Doutorado em Letras) - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2011.

ALMEIDA, M. D. C. D. Complexidade e Ecologia das Ideias. *In:* ALMEIDA, C.; PETRAGLIA, I. (Org.). **Estudos de Complexidade 2.** São Paulo: Xamã, 2008.

ASSARÉ, P. **Sou cabra da peste.** Disponível em: <http://coisadeceareense.com.br/sou-abra-da-pesto-patativa-do-assare/>. Acesso em: 14 maio 2019.

ATALLAH, A.N. Revisão sistemática da literatura e metanálise. *In:* ATALLAH, A. N.; CASTRO A. A. **Medicina baseada em evidências: fundamentos da pesquisa clínica.** São Paulo: Lemos-Editorial; 1998. p. 42-48.

BAKHTIN, M. **Estética da Criação Verbal.** 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BOGDAN, R.; BIKLEN, S. **Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos.** Portugal: Porto, 1994

BRASIL. **Lei nº 9.394.** De 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Diário Oficial da União, Brasília, 23 de dezembro de 1996. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9394.htm. Acesso em: 28 out. de 2019.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais da Educação Básica.** Brasília: MEC, SEB, DICEI, 2013.

CARMO, S. M. R. **Literatura de cordel: uma estratégia para construção da prática pedagógica inovadora no 5º ano de uma escola municipal.** 2016. Dissertação (Mestrado em Ciências da Educação) - Universidade da Madeira, Departamento de Ciências da Educação, Mestrado em Ciências da Educação - Inovação Pedagógica.

CARSON, R. **Primavera silenciosa.** 1. ed. digital. São Paulo: Gaia, 2013.

CASTRO, L. C. R. **O cordel sem cordão, um folheto em cada mão. Experiências de Leitura com o texto de cordel.** 2016. Dissertação (Mestrado em Artes) - Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2016.

CAVALCANTE, R. C. **Cordel.** São Paulo: Hedra, 2000.

Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular. Disponível em: http://www.cnfcp.gov.br/interna.php?ID_Materia=54. Acesso em: 29 maio de 2019.

DE NICOLA, J. O gênero lírico: métricas, formas e temas recorrentes. In: DE NICOLA, J. **Painel da literatura em língua portuguesa**. 2 ed. São Paulo: Scipione, 2011.p. 64-79.

DIAS, G. F. **Pegada ecológica e sustentabilidade humana**. 1. ed. digital. São Paulo: Gaia, 2013.

DOLZ, J.; SCHNEUWLY, B. Gêneros e progressão em expressão oral e escrita: elementos para reflexões sobre uma experiência Suíça (Francófona). In: SCHNEUWLY, B; DOLZ, J. *et al.* (Org.). **Gêneros orais e escritos na escola**. Campinas: Mercado de Letras, 2004.

DOLZ, J.; NOVERRAZ, M.; SCHNEUWLY, B. Sequências didáticas para o oral e a escrita: apresentação de um procedimento. In: SCHNEUWLY, B; DOLZ, J. *et al.* (Org.). **Gêneros orais e escritos na escola**. Campinas: Mercado de Letras, 2004.

FERNANDES, L. K. **O uso da Literatura de Cordel no Ensino Fundamental (anos finais)**: proposta de material didático. 2016. Dissertação (Mestrado Profissional em Letras) - Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, Pau dos Ferros, 2016.

FONTENELE, O. C. S.; NETO, P. R. M. Por uma didática de leitura e produção textual: uma proposta de ensino com o gênero Relato Pessoal. **Revista Digital dos Programas de Pós-Graduação do Departamento de Letras e Artes da UEFS Feira de Santana**, v. 19, n. 3, p. 169-188, 2018. Disponível em: <http://periodicos.uefs.br/index.php/acordasleytras/index>. Acesso em: 26 nov. 2019.

FLICK, U. **Introdução à pesquisa qualitativa**. Tradução: Joice Elias Costa. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2009.

GENS, A. Formação de professores de literatura brasileira - lugares, paisagens educativas e pertencimentos. **Revista Fórum Identidades**, vol. 4, n. 4, p. 21-36, jul./dez. 2008. Disponível em: <https://seer.ufs.br/index.php/forumidentidades/article/view/1807/159>. Acesso em: 12 novembro 2019.

GONÇALVES, C. W. P. **Os (des)caminhos do meio ambiente**. 14. ed. São Paulo: Contexto, 2006.

HONÓRIO, M. G. *et al.* As novas diretrizes curriculares nacionais para formação inicial e continuada de professores da educação básica: entre recorrências e novas inquietações. **Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação**, vol. 12, n. 3, p. 1736-1755, jul./set. 2017. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/iberoamericana/article/view/8532/6759>. Acesso em: 12 nov. de 2019.

INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL (Brasil). In: INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL (Brasil). Literatura de cordel ganha título de Patrimônio Cultural Brasileiro. [Brasília, DF]: Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, 2018. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/noticias/detalhes/4833/literatura-de-cordel-e-reconhecida-como-patrimonio-cultural-do-brasil>. Acesso em: 13 jun. 2019.

- JACOBI, P. Educação ambiental, cidadania e sustentabilidade. **Cadernos de pesquisa**, vol. 113, p. 189-205. São Paulo: Fundação Carlos Chagas, março, 2003.
- J BORGES SÉRIE MESTRES. Direção: Maurício Correa. [S. l.: s. n.], 2002. 1 vídeo (22:55 min.). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=1SOr7X86V1w>. Acesso em: 26 abril de 2019.
- KITCHENHAM, B. A. **Procedures for Performing Systematic Reviews**. Tech. Report TR/SE-0401, Keele University, 2004.
- LIBÂNEO, J. C. Formação de professores e didática para desenvolvimento humano. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, 2015.
- LIMA, D. F. A importância da sequência didática como metodologia no ensino da disciplina de Física Moderna no Ensino Médio. **Revista Triângulo**, vol. 11, p. 151-162, n.1, jan./abr. 2018. Disponível em www.seer.uftm.edu.br/revistaeletronica. Acesso em: 26 fev. de 2019.
- LIMA, G. F. C. **Educação Ambiental no Brasil: formação, identidades e desafios**. Campinas, São Paulo: Papyrus, 2011.
- LIMA, S. T. Os PCN e as potencialidades didático-pedagógicas do cordel. **Revista Acta Scientiarum**, Maringá, v. 35, p. 133-135, 2013.
- LOUREIRO, C. F. B. Educar, participar, transformar em educação ambiental. **Revista brasileira de educação ambiental**, n. 0, p. 13-20, nov. 2004. Disponível em: http://assets.wwfbr.panda.org/downloads/revbea_n_zero. Acesso em: 13 maio de 2019.
- LUBURÚ, C. E.; ARRUDA, S. M.; NARDI, R. Pluralismo metodológico no ensino de ciências. **Ciência & Educação**, v.9, n. 2, p. 247-260, 2003.
- LUYTEN, J. M. **O que é literatura de cordel**. São Paulo: Brasiliense, 2005
- MANZOCHI, L.H. **Participação do ensino de ecologia em uma educação ambiental voltada para a formação da cidadania: para a formação da cidadania a situação das escolas de segundo grau no município de Campinas**. 1994. Dissertação (Mestrado) - Unicamp, Campinas, 1994.
- MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. **Fundamentos de metodologia científica**. 5.ed. São Paulo: Atlas, 2003
- MARINHO; A. C.; PINHEIRO, H. **O cordel no cotidiano escolar**. 1. ed. São Paulo: Cortez, 2012.
- MEDEIROS, I. Literatura de Cordel: origem e classificação. *In*: MEDEIROS, I. **Estudos em literatura popular**. João Pessoa: Universitária/UFPB, 2004.
- MENDONÇA, G. C.; SANTOS, N. F.; IOTTI, V. Xilografia: da teoria a arte de gravar. *In*: Encontro do grupo de pesquisa Educação, Arte e Inclusão, 10., 2014, Florianópolis. **Anais [...]**. Florianópolis: CEART/UDESC, 2014. p. 67-80.
- MORAES, R.; GALIAZZI, M. C. **Análise Textual discursiva**. 3. ed. rev. Ijuí: Unijuí. 2016.

MARCATTO, C. **Educação ambiental: conceitos e princípios**. Belo Horizonte: FEAM, 2002.

NETO, D. V. Um Debate não Circular: por uma educação ambiental escolar interdisciplinar. In: LAMIM-GUEDES, V.; MONTEIRO, R. A. A. (Orgs.) **Educação Ambiental na Educação Básica: entre a disciplinarização e a transversalidade da temática sócioambiental**. São Paulo: Perse, 2017, p. 44-49.

PEREIRA, M. Cordel: uma linguagem do sentimento. In: SILVA, I. M. M.; ALMEIDA, M. S. P. (Org.). **Literatura: alinhavando ideias, tecendo frases, construindo textos**. Recife: Baraúna, 2008, p. 167-182.

RESENDE, D. C. P. **O gênero textual "comentário argumentativo do facebook" no ensino de Língua Inglesa**. 2019. Dissertação (Mestrado Profissional em Ensino) - Universidade Estadual do Norte do Paraná, Programa de Pós-Graduação - Mestrado Profissional em Ensino.

Revista brasileira de educação ambiental. Brasília: Rede Brasileira de Educação Ambiental, n.0. nov. 2004.

RISSI, P. S. **Avaliação escolar: diferentes olhares acerca das práticas avaliativas**. 2019. Dissertação (Mestrado Profissional em Ensino) - Universidade Estadual do Norte do Paraná, Programa de Pós-Graduação - Mestrado Profissional em Ensino.

ROIPHE, A. Folheto de cordel: um gênero verbo-visual. In: ROIPHE, A.; FERNANDEZ, M. A. (Org.). **Gêneros textuais: Teoria e prática nos anos iniciais do Ensino Fundamental**. Rio de Janeiro: Rovel, 2011.

ROZA, E. S. O cordel e o letramento literário: teoria e prática. In: Sinalge: Simpósio Nacional de Linguagens e Gêneros Textuais, 4., 2017, Campina Grande. **Anais [...]**. Campina Grande: Realize, 2017. p. 1-21. Disponível em: <https://www.editorarealize.com.br/revistas/sinalge/anais.php>. Acesso em: 16 julho 2019.

SANTOS, D. O. B. **Um modelo didático do gênero cordel: uma contribuição para o ensino e aprendizagem de gênero**. 2014. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2014.

SILVA, M. M. **Quer escrever um cordel? Aprenda fazendo**. Campina Grande: Gráfica Martins, 2002. Disponível em: [http://acervosdigitais.cnfcp.gov.br/Literatura de Cordel C0001 a C7176&pesq=sinalge](http://acervosdigitais.cnfcp.gov.br/Literatura%20de%20Cordel/C0001%20a%20C7176&pesq=sinalge). Acesso em: 14 maio 2019.

SORRENTINO, M. **Educação ambiental e universidade: um estudo de caso**. 1995. Tese (Doutorado apresentado ao Programa de Pós Graduação em Educação) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 1995.

SILVA, C. A. S. B.; SILVA, L. J. A. A difícil relação homem x natureza: o caminho da sustentabilidade para um desenvolvimento sustentável. **Revista Educação Ambiental em Ação**, n. 39, ano X, março/maio. 2014. Disponível em: <http://www.revistaea.org/artigo.php?idartigo=1187>. Acesso em: 20 janeiro 2019.

- SILVA, R. J. **Perspectivas do folheto de cordel na sua transposição dos sertões para os centros urbanos.** 2014. Tese (Doutorado em Literatura Comparada) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2014.
- SOMBRA, F. **Cordel e viola:** literatura popular em versos na formação do leitor. Belo Horizonte: Lê, 2012.
- SPADAFORA, S. M. I. **O cordel em sala de aula:** contribuição ao ensino de língua portuguesa. 2010. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa) -Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2010.
- TEIXEIRA, L. A. **Literatura de cordel no Brasil:** os folhetos e a função circunstancial. 2008. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharel em Comunicação Social) - Centro Universitário de Brasília, Brasília, 2008.
- VALENTE, T. A.; OLIVEIRA, V. S. **Brás Cubas em versos:** adaptação para o cordel. *In:* Anais do XII Congresso Internacional da Associação Brasileira de Literatura Comparada, 2011: Curitiba, PR. Centro. Centros; ética e estética / Benito Martinez Rodrigues (org) - Curitiba: ABRALIC, 2011. e-book.
- VILLAS BOAS, B. M. F. Avaliação formativa e formação de professores: ainda um desafio. **Linhas Críticas**, Brasília, v. 12, n. 22, p. 159, jan./jun. 2001. Disponível em: <<http://seer.bce.unb.br/index.php/linhascriticas/article/view/1684/1308>>. Acesso em: 18 fev. 2019.
- ZABALA, A. (Org.). **A prática educativa:** como ensinar. Porto Alegre: Artmed, 2010.

APÊNDICES

APÊNDICE A

Modelo do Termo De Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) do Professor

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE) (Capítulo IV, itens 1 a 8 da Resolução 466/2012 - Conselho Nacional de Saúde)

Convidamos o(a) Sr(a) _____, inscrito(a) no RG sob nº _____ a participar voluntariamente de um projeto de pesquisa intitulado "A Literatura de Cordel no Ensino de Educação Ambiental", sob responsabilidade da pesquisadora Marília Gabriela de Souza Fabri, inscrita no RG nº 29.334.732-3 SSP-SP, cujo orientador é o Prof. Dr. Rodrigo de Souza Poletto.

Este termo é elaborado em duas vias. Após leitura, rubrica e assinatura, uma via ficará em seu poder e outra via em poder da pesquisadora.

Esclarecemos que esta pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da Universidade Estadual do Norte do Paraná - Rodovia BR 369, Km 54, Vila Maria. Bandeirantes-PR. CEP 86.360-000. Qualquer dúvida quanto aos aspectos éticos poderá ser esclarecida junto ao referido comitê no telefone (43) 3542-8000 ou pelo e-mail cep@uenp.edu.br ou diretamente com a pesquisadora no telefone (43) 99173-8839 ou e-mail mariliafabri@gmail.com.

Sua participação dar-se-á como PROFESSOR DOS PARTICIPANTES DE PESQUISA.

1. A pesquisa:

Esta pesquisa tem por objetivo desenvolver, aplicar e analisar uma sequência didática aplicada aos alunos do terceiro ano do curso de Ciências Biológicas, na disciplina de Educação Ambiental.

2. Procedimentos:

Os procedimentos pelos quais os alunos de sua disciplina participarão voluntariamente serão agendados previamente com vossa senhoria e com eles. Os mesmos ocorrerão em sala de aula e serão os seguintes:

- Aplicação de questionário aos alunos com intuito de identificar os conhecimentos prévios dos mesmos acerca do tema proposto para o trabalho;

- Desenvolvimento de uma sequência didática prevista de 6 encontros com 2 horas/aula por encontro, aproximando Literatura de Cordel e Educação Ambiental. A sequência será composta dos seguintes passos:

- a) Apresentação da Literatura de Cordel;
- b) Produção de estrofes em cordel;
- c) Iniciando o tema Aquecimento Global, o qual dará origem aos próximos textos em cordel;
- d) Debate - O Aquecimento Global;
- e) Continuação da atividade anterior;
- f) Produção de um cordel final;

- Aplicação de um questionário aos participantes da pesquisa, depois de terminados os procedimentos da sequência, com objetivo de identificar suas percepções a respeito das atividades realizadas.

Esclarecendo que todos os procedimentos serão desenvolvidos diretamente com os estudantes, participantes da pesquisa.

3. Riscos/Desconfortos:

Embora sua participação seja voluntária, há o risco de sentir-se desconfortável com a presença e com a ação da pesquisadora junto aos estudantes, além do constrangimento destes pelo mesmo motivo. Para minimizar este risco, a pesquisadora compromete-se a permanecer na sala apenas durante o momento e tempo que você, junto com seus estudantes, julgarem conveniente. Além disso, caso ocorra desconforto ou constrangimento, toda atividade da pesquisadora poderá ser interrompida, a qualquer momento, sem quaisquer prejuízos. É importante afirmar que todos os procedimentos a serem realizados com seus alunos serão informados e agendados com antecedência. Por outro lado, esclarecemos que ao aceitar participar como PROFESSOR(a) DOS PARTICIPANTES DA PESQUISA, estará contribuindo de modo significativo para o desenvolvimento da mesma. Somente a pesquisadora e seu orientador terão acesso aos registros feitos pelos alunos. Informamos ainda que serão omitidos dados caracterizadores da instituição de ensino e dos participantes da pesquisa em publicações e relatos da pesquisa, de modo que não será possível identificar o participante voluntário no estudo, nem seu(sua) professor(a).

5. Benefícios esperados:

Espera-se que o produto educacional a ser desenvolvido ao longo da pesquisa, uma sequência didática, possibilite o aprendizado em Educação Ambiental utilizando como instrumento a Literatura de Cordel, produzindo importantes saberes ao seu cotidiano e contribuindo para a formação de alunos críticos, conscientes da possibilidade de ler, interpretar e escrever vários gêneros textuais no contexto da

Ciências Biológicas. Para vossa senhoria, espera-se que a pesquisa traga reflexões e também possibilite o contato entre literatura e sua disciplina.

5. Liberdades/Garantias:

Vossa senhoria possui liberdade para recusar-se a participar desta pesquisa como PROFESSOR(a) DOS PARTICIPANTES DA PESQUISA ou de retirar o seu consentimento, a qualquer momento e por qualquer motivo, sem penalização ou prejuízo. Além disso, mesmo concordando em participar da pesquisa, possui total liberdade de não permitir em alguns momentos a presença da pesquisadora em sua sala de aula.

6. Sigilo/Anonimato:

A sua participação e a de seus alunos é anônima e sigilosa, portanto, as informações pessoais prestadas são confidenciais e não serão divulgadas, respeitando a privacidade de todos no decorrer e após a conclusão da pesquisa.

7. Despesas/Indenização:

Esta pesquisa não resultará em despesas ou ônus para vossa senhoria, para os participantes da pesquisa ou seus representantes legais. No caso de eventual despesa ou dano relacionados à pesquisa, assumiremos a responsabilidade de ressarcimento e/ou indenização. Sendo participante voluntário, vossa senhoria, não receberá nenhuma remuneração para participar da pesquisa.

8. Publicação:

Informamos que o resultado final da pesquisa poderá ser publicado em anais de eventos ou revistas acadêmicas e científicas, colaborando, assim, para construção do conhecimento teórico científico e empírico a respeito da temática abordada. Informamos, ainda, que serão omitidos dados caracterizadores da instituição de ensino e do participante, de modo que não seja possível identificar os alunos que foram voluntários da pesquisa nem seu(sua) professor(a).

Consentimento Pós – Informação

Eu, _____, inscrito no RG sob nº _____, abaixo assinado, PROFESSOR(a) DOS(as) PARTICIPANTES DA PESQUISA, concordo em participar da pesquisa "A Literatura de Cordel no Ensino de Educação Ambiental", sob responsabilidade da pesquisadora Marília Gabriela de Souza Fabri, RG nº 29.334.732-3 SSP-SP e orientação do Prof. Dr. Rodrigo de Souza Poletto.

Fui devidamente informado (a) e esclarecido (a) sobre a pesquisa, seus objetivos e procedimentos, além de possíveis riscos e benefícios decorrentes de minha participação e da participação dos meus alunos. Foi-me garantido a liberdade de retirada de meu consentimento, a qualquer momento, sem que isto leve a qualquer penalidade.

Declaro, ainda, concordar com a publicação dos resultados desta pesquisa, ciente da garantia quanto ao sigilo das informações pessoais e ao meu anonimato, além de saber que não serei remunerado(a) por conta da participação na pesquisa.

Local e data: _____, ____/____/_____.

Assinatura do(a) participante: _____

Eu, Marília Gabriela de Souza Fabri, RG. 29.334.732-3 SSP SP, pesquisadora responsável pelo estudo, obtive de forma voluntária o Consentimento Livre e Esclarecido do PROFESSOR(a) para a participação na pesquisa.

Assinatura da pesquisadora: _____

APÊNDICE B

Modelo de Termo de Anuência da Instituição

TERMO DE ANUÊNCIA DA INSTITUIÇÃO

(Declaração)

Declaro para os devidos fins, que após a aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa, autorizo a realização, nesta unidade de ensino, da pesquisa intitulada "A Literatura de Cordel no Ensino de Educação Ambiental" sob responsabilidade da pesquisadora Marília Gabriela de Souza Fabri, inscrita no RG nº 29.334.732-3 SSP SP, cujo orientador é Rodrigo de Souza Poletto.

Fui devidamente informado (a) que os procedimentos desta pesquisa são desenvolvimento, aplicação e análise de uma sequência didática envolvendo Literatura de Cordel e Educação Ambiental. Tal sequência terá como participantes de pesquisa os alunos do terceiro ano de Ciências Biológicas, da disciplina de Educação Ambiental.

Todos os procedimentos para realização desta pesquisa serão agendados com antecedência com o docente da disciplina e com os estudantes da turma, tais atividades ocorrerão na sala de aula do Campus Cornélio Procópio - Unidade Centro, localizado à Av. Portugal, nº 304, Centro.

Foi-me esclarecido que esta instituição, a equipe gestora, o docente da disciplina e os participantes de pesquisa não terão nenhum custo, nem receberão qualquer vantagem financeira, visto que a participação é voluntária.

Carimbo da Instituição / Carimbo e assinatura da Direção

Cornélio Procópio, 9 de outubro de 2018.

APÊNDICE C

Modelo Termo De Consentimento Livre e Esclarecido do Aluno

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE) (Capítulo IV, itens 1 a 8 da Resolução 466/2012 - Conselho Nacional de Saúde)

Convidamos _____, inscrito no RG sob nº _____ a participar de um projeto de pesquisa intitulado "Literatura de Cordel no Ensino de Educação Ambiental", sob responsabilidade da pesquisadora Marília Gabriela de Souza Fabri, inscrita no RG nº 29.334.732-3 SSP-SP, cujo orientador é o Prof. Dr. Rodrigo de Souza Poletto.

Este termo é elaborado em duas vias. Após leitura, rubrica e assinatura, uma via ficará em seu poder e outra com a pesquisadora.

Esclarecemos que esta pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da Universidade Estadual do Norte do Paraná - Rodovia BR 369, Km 54, Vila Maria, Bandeirantes-PR. CEP 86.360-000. Qualquer dúvida quanto aos aspectos éticos poderá ser esclarecida junto ao referido comitê no telefone (43) 3542-8000 ou pelo e-mail cep@uenp.edu.br ou diretamente com a pesquisadora no telefone (43) 99173-8839 ou e-mail mariliafabri@gmail.com.

1. A pesquisa:

Esta pesquisa tem por objetivo desenvolver, aplicar e analisar uma sequência didática aplicada aos alunos do terceiro ano do curso de Ciências Biológicas, na disciplina de Educação Ambiental.

2. Procedimentos:

Os procedimentos pelos quais você passará voluntariamente serão agendados previamente com o professor da disciplina de Educação Ambiental. Os mesmos ocorrerão em sala de aula e serão os seguintes:

- Aplicação de questionário com intuito de identificar os conhecimentos prévios dos participantes da pesquisa acerca do tema proposto para o trabalho;

- Desenvolvimento de uma sequência didática prevista de 6 encontros com 2 horas/aula por encontro, aproximando Literatura de Cordel e Educação Ambiental. A sequência será composta dos seguintes passos:

- a) Apresentação da Literatura de Cordel;
- b) Produção de estrofes em cordel;

- c) Apresentação do tema Aquecimento Global, o qual dará origem aos próximos textos em cordel;
- d) Debate - O Aquecimento Global;
- e) Continuação da atividade iniciada no encontro anterior;
- f) Produção de um cordel final;

- Um questionário final será aplicado aos participantes da pesquisa com objetivo de identificar suas percepções a respeito das atividades realizadas.

Esclarecendo que todos os procedimentos serão desenvolvidos diretamente com os participantes da pesquisa.

3. Riscos/Desconfortos:

Embora a participação seja voluntária, há o risco de que você sinta-se desconfortável ou constrangido em realizar as atividades propostas, bem como com a presença da pesquisadora. Para minimizar este risco, a pesquisadora compromete-se em permanecer na sala apenas durante o momento e tempo em que o professor e o alunos julgarem conveniente, além disso os procedimentos realizados serão agendados anteriormente com todos os envolvidos nesta pesquisa. Além disso, caso ocorra desconforto ou constrangimento, toda atividade da pesquisadora poderá ser interrompida, sem quaisquer prejuízos. Por outro lado, esclarecemos que, ao aceitar participar, você estará contribuindo de modo significativo para o desenvolvimento da pesquisa. Somente a pesquisadora e seu orientador terão acesso ao questionário, aos registros e as atividades realizadas pelos participantes de pesquisa. Informamos ainda que serão omitidos dados caracterizadores da instituição de ensino e dos participantes do estudo em publicações e relatos da pesquisa, de modo que não será possível identificar o participante voluntário no estudo.

4. Benefícios esperados:

Espera-se que o produto educacional a ser desenvolvido ao longo da pesquisa, uma sequência didática, seja importante para sua formação e aprendizado em Educação Ambiental, utilizando como ferramenta de ensino a Literatura de Cordel. Esperamos também que a mesma possa ajudá-lo na construção dos conhecimentos relevantes para sua formação acadêmica, bem como também possa ajudá-lo a ler, produzir e interpretar vários gêneros textuais juntamente ao contexto das Ciências Biológicas.

5. Liberdades/Garantias:

Se depois de consentir sua participação, você desistir de continuar participando, tem o direito e a liberdade de retirar seu consentimento em qualquer fase da pesquisa, independente do motivo. Além disso, mesmo concordando em participar da pesquisa, você possui liberdade de não responder às perguntas ou não participar de momentos que possam causar-lhe desconforto de qualquer natureza.

6. Sigilo/Anonimato:

Sua identidade será preservada, não sendo divulgada e mantida em sigilo. O pesquisador garante o sigilo das informações pessoais coletadas e o seu anonimato, respeitando sua privacidade no decorrer e após a conclusão da pesquisa.

7. Despesas/Indenização:

Sendo participante voluntário, você não terá despesa alguma e, também, não receberá nenhuma remuneração. No caso de eventual despesa ou dano relacionados à pesquisa, assumiremos a responsabilidade de ressarcimento e/ou indenização.

8. Publicação:

Informamos que o resultado final da pesquisa poderá ser publicado em anais de eventos ou revistas acadêmicas e científicas, colaborando, assim, na construção do conhecimento teórico científico e empírico a respeito da temática abordada. Informamos, ainda, que serão omitidos dados caracterizadores da escola e do participante, de modo que não seja possível identificar o aluno que foi voluntário da pesquisa.

Consentimento Pós – Informação

Eu, _____,
inscrito no RG sob nº _____, concordo em participar da
pesquisa "A Literatura de Cordel no Ensino de Educação Ambiental", sob
responsabilidade da pesquisadora Marília Gabriela de Souza Fabri, RG nº
29.334.732-3 SSP-SP.

Fui devidamente informado (a) e esclarecido (a) pela pesquisadora sobre a
pesquisa, seus objetivos e procedimentos, além de possíveis riscos e benefícios
decorrentes de minha participação. Foi-me garantido a liberdade de retirada de meu
consentimento, a qualquer momento, sem que isto leve a qualquer penalidade.

Declaro, ainda, concordar com a publicação dos resultados desta pesquisa,
ciente da garantia quanto ao sigilo das informações pessoais e ao anonimato do
participante, além de saber que não serei remunerado por conta da participação na
pesquisa.

Local e data: _____, ___/___/_____.

Assinatura do(a) participante: _____

Eu, Marília Gabriela de Souza Fabri, RG. 29.334.732-3, pesquisadora responsável
pelo estudo, obtive de forma voluntária o Consentimento Livre e Esclarecido do
PARTICIPANTE DA PESQUISA.

Assinatura da pesquisadora: _____